

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS,
COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO - PPGCE

REGINA GARCIA GIARETTA

FAZER COM DOCENTES:
UM PERCURSO PARA PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS

UBERLÂNDIA – MINAS GERAIS
2025

REGINA GARCIA GIARETTA

FAZER COM DOCENTES:
UM PERCURSO PARA PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Tecnologias, Comunicação e Educação.

Área de Concentração: Educomunicação

Orientadora: Profa. Dra. Diva Souza Silva

UBERLÂNDIA – MINAS GERAIS

2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU com
dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

G435 2025	<p>Giaretta, Regina Garcia, 1974-</p> <p>Fazer com docentes [recurso eletrônico] : um percurso para práticas educomunicativas / Regina Garcia Giaretta. - 2025.</p> <p>Orientadora: Diva Souza Silva. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.351 Inclui bibliografia.</p> <p>1. Educação. I. Silva, Diva Souza, 1973-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação. III. Título.</p> <p>CDU: 37</p>
--------------	--

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação

Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 156 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: (34) 3291-6395/6396 - ppgce@faced.ufu.br - www.ppgce.faced.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Tecnologias, Comunicação e Educação				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional, número 05/2025/182, PPGCE				
Data:	Vinte e três de junho de dois mil e vinte e cinco	Hora de início:	14h30min	Hora de encerramento:	17h20min
Matrícula do Discente:	12312TCE011				
Nome do Discente:	Regina Garcia Giaretta				
Título do Trabalho:	Fazer com docentes: um percurso para práticas educomunicativas				
Área de concentração:	Tecnologias, Comunicação e Educação				
Linha de pesquisa:	Mídias, Educação e Comunicação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	EDUCOMUNICAÇÃO EM MINAS GERAIS: uma análise sobre as pesquisas nos programas de pós graduação				

Reuniu-se por webconferência, link: <https://conferenciaweb.rnp.br/sala/diva-souza-silva>, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação, assim composta: Professores Doutores: Aléxia Padua Franco - UFU; Edilane Carvalho Teles UNEB; Diva Souza Silva - UFU, orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Diva Souza Silva, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, às examinadoras, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

[A]provada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Diva Souza Silva, Professor(a) do Magistério Superior**, em 23/06/2025, às 17:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexia Padua Franco, Professor(a) do Magistério Superior**, em 23/06/2025, às 18:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Edilane Carvalho Teles, Usuário Externo**, em 20/08/2025, às 09:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6384964** e o código CRC **CA9DE158**.

Há um ditado chinês que diz que,
se dois homens vêm andando por uma estrada,
cada um carregando um pão, ao se encontrarem,
eles trocam os pães; cada um vai embora com um.
Porém, se dois homens vêm andando por uma estrada,
cada um carregando uma ideia, ao se encontrarem,
trocam as ideias; cada um vai embora com duas.
Quem sabe é esse mesmo o sentido do nosso fazer:
repartir ideias, para todos terem pão.

Mário Sérgio Cortella

Dedicado a vocês que estão comigo na jornada dessa vida
e que com toda certeza fazem parte de alguma forma dos meus aprendizados.

RESUMO

A presente pesquisa intitulada “FAZER COM DOCENTES”: um percurso para práticas educacionais analisa como a Educomunicação e a Educação Midiática, em sua articulação entre fundamentos teóricos e ações práticas, podem contribuir para a formação continuada docente. A relevância da investigação reside na necessidade de conceber processos formativos junto aos professores, e não apenas para eles. Como objetivo central, busca-se investigar de que modo os referidos campos do conhecimento, na interface concepção-prática, podem fomentar a formação desses profissionais. Os objetivos específicos compreendem: explorar os alicerces teóricos da Educomunicação e da Educação Midiática; analisar o arcabouço legal e as diretrizes curriculares no contexto educacional brasileiro e apresentar uma proposta metodológica para ações formativas colaborativas, fundamentada em práticas educacionais que explorem conteúdos midiáticos com os próprios participantes. O referencial teórico estabelece um diálogo entre Comunicação, Educação e Tecnologia e metodologicamente, trata-se de uma investigação qualitativa, que emprega levantamento bibliográfico e documental sobre a temática, complementado por revisão sistemática da literatura. Os achados da pesquisa sugerem a ampliação dos estudos e o desenvolvimento da proposta de formação continuada junto aos professores que busca uma articulação da temática à prática emancipatória, apropriação crítica e sugere que a mídia seja tanto objeto de análise quanto artefato de transformação social.

Palavras-chave: Educomunicação; Educação Midiática; Formação Docente Continuada.

ABSTRACT

This research, entitled "DOING WITH TEACHERS": A Path to Educommunication Practices, analyzes how Educommunication and Media Education, in their articulation of theoretical foundations and practical actions, can contribute to continuing teacher education. The relevance of this research lies in the need to design training processes with teachers, not just for them. The central objective is to investigate how these fields of knowledge, at the interface between conception and practice, can foster the training of these professionals. The specific objectives include: exploring the theoretical foundations of Educommunication and Media Education; analyzing the legal framework and curricular guidelines in the Brazilian educational context; and presenting a methodological proposal for collaborative training actions, based on educommunication practices that explore media content with the participants themselves. The theoretical framework establishes a dialogue between Communication, Education, and Technology. Methodologically, this is a qualitative investigation, employing a bibliographic and documentary survey on the topic, complemented by a systematic literature review. The research findings suggest expanding studies and developing a proposal for continuing education for teachers that seeks to link the topic to emancipatory practice and critical appropriation, and suggests that the media be both an object of analysis and an artifact of social transformation.

Keywords: Educommunication; Media Education; Continuing Teacher Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL – Academia Brasileira de Letras

ANJ – Associação Nacional de Jornais

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CANVA - Plataforma de design gráfico

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

COVID – 19 - Infecção respiratória causada pelo novo coronavírus sars-cov-2

EBEM – Estratégia Brasileira de Educação Midiática

EDUCAMÍDIA - Programa desenvolvido pelo Instituto Palavra Aberta

EMI – Educação Midiática Informacional

GTECOM - Grupo de Estudos e Pesquisas em Tecnologias, Comunicação e Educação

IA – Inteligência Artificial

IAT – Instituto Anísio Teixeira

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

LGPD – Lei Geral da Proteção de Dados Pessoais

MCom – Ministério das Comunicações

MEC – Ministério da Educação

MECOM - Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas

MultiRio - Empresa Municipal de Multimeios

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONGs – Organizações Não Governamentais

ONU – Organização das Nações Unidas

PISA - Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

PL – Projeto de Lei

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNED - Política Nacional de Educação Digital

PPGCE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação

SciELO - Scientific Electronic Library Online, tradução: Biblioteca Científica Eletrônica Online

SCOPUS - Base de dados bibliográfica de resumos e citações de artigos científicos

SEC – Secretaria de Educação

Secom – Secretaria de Comunicação Social

TDIC – Tecnologia Digital de Informação e Comunicação

TIC – Tecnologia de Informação e Comunicação

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 BASES DA EDUCAÇÃO MIDIÁTICA E EDUCOMUNICAÇÃO.....	33
3 LEGISLAÇÃO, ANÁLISES E PROBLEMATIZAÇÕES.....	45
4 ORIENTAÇÕES DE PRINCÍPIOS DO FAZER COM DOCENTES.....	51
5 CONCLUSÕES.....	65
REFERÊNCIAS.....	69

1 INTRODUÇÃO

Em uma sociedade cada vez mais permeada por mídias e tecnologias digitais, vale pensar que a formação continuada de professores acompanhe demandas, como a leitura crítica das mídias e a mediação pedagógica desses artefatos culturais¹. A Educação Midiática e a Educomunicação podem se aproximar na tentativa de contribuir com os processos educacionais: combatendo a desinformação e para o exercício pleno da cidadania.

A pandemia² trouxe mudanças profundas na vida de toda a humanidade e isso envolveu também a educação. Com a suspensão das aulas presenciais e a necessidade de distanciamento social, escolas e professores enfrentaram desafios sem precedentes, precisando recorrer ao ensino remoto emergencial. Esse cenário foi particularmente marcante porque evidenciou tanto o potencial quanto às limitações das tecnologias educacionais.

De acordo com a Agência Senado³ Dimas Covas - diretor do Instituto Butantan, afirmou que o Brasil poderia ter sido o primeiro no mundo a iniciar a vacinação "se todos os atores" tivessem colaborado. Mesmo que as emissoras de Jornalismo se uniram para boletins diários e informações e apesar de tudo que a pandemia trazia, houve o negacionismo⁴ em relação à ciência e a não divulgação de dados. Tudo isso afetou e ainda reflete na comunidade escolar e acadêmica.

Vale destacar a citação de Dalcolmo⁵, 2020:

O negacionismo não é fenômeno novo na História nem na ciência. Quando vemos comportamentos controversos, como a recusa de uso de máscaras como proteção individual e coletiva, nos remetemos a vários exemplos, como o de um século atrás, quando teve lugar a chamada 'liga antimáscara'. O movimento ocorreu durante a epidemia de influenza da Gripe Espanhola, que ceifou milhares de vidas no Brasil (...).

¹ Strobel (2008, p. 38), o conceito de artefato cultural é "o conjunto de materiais físicos e simbólicos que mediam as relações entre uma dada comunidade".

² Pandemia de COVID-19 – Disponível em: <https://www.paho.org/pt/historico-da-emergencia-internacional-covid-19> Acesso em: 10 abr. 2024.

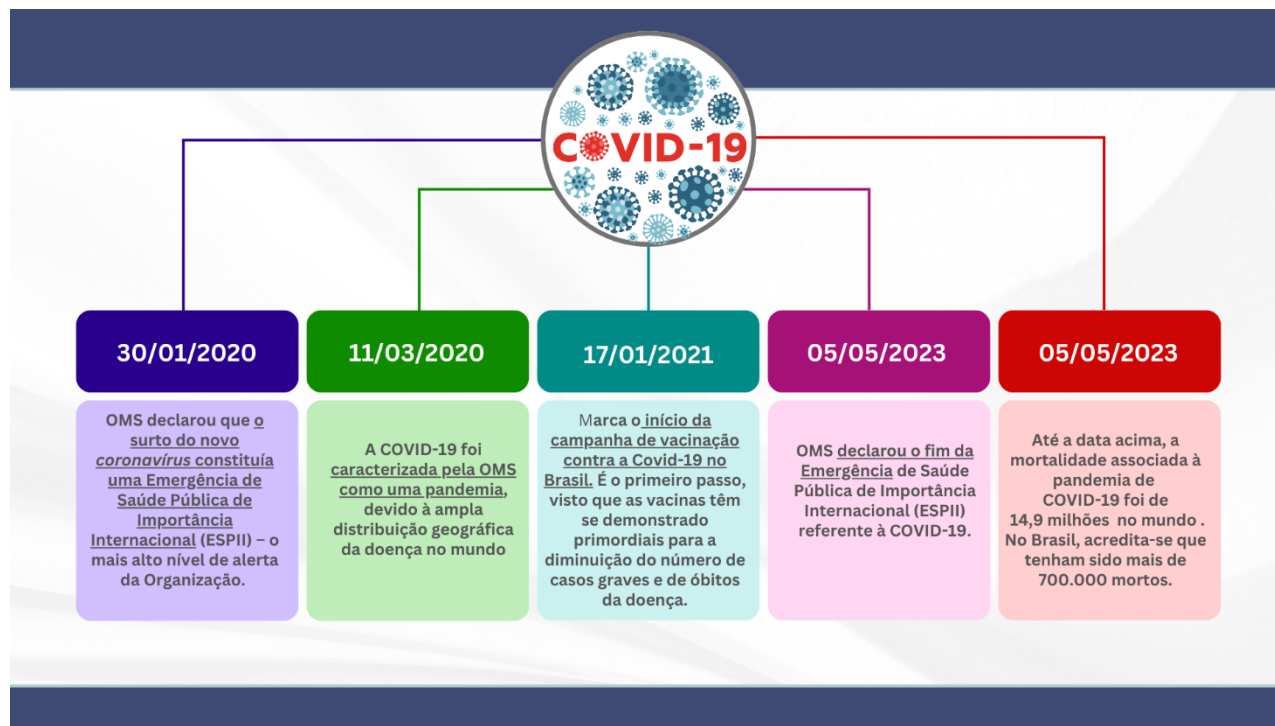
³ Agência Senado – Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/27/brasil-poderia-ter-sido-primeiro-do-mundo-a-vacinar-afirma-dimas-covas-a-cpi> Acesso em: 18 mai. 2025.

⁴ Negacionismo - atitude tendenciosa que consiste na recusa a aceitar a existência, a validade ou a verdade de algo, como eventos históricos ou fatos científicos, apesar das evidências ou argumentos que o comprovam. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/negacionismo> Acesso em: 18 mai. 2025.

⁵ DALCOLMO, Margareth. Negacionismo não é fenômeno novo na História nem na ciência. O Globo, Rio de Janeiro, 8 set. 2020. A Hora da Ciência. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/a-hora-da-ciencia/post/negacionismo> Acesso em: 18 mai. 2020.

Confira na Figura 1 o histórico em fatos veiculados pela Organização Mundial de Saúde⁶ (OMS) da pandemia de COVID 19:

Figura 1 – Histórico da pandemia do COVID -19 em fatos



Fonte: Elaborado pela autora no CANVA⁷ a partir das referências bibliográficas da pesquisa.

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2020), mais de 1,5 bilhão de estudantes em todo o mundo foram afetados pelo fechamento de escolas, revelando um cenário global de desigualdade em termos de acesso à tecnologia e infraestrutura adequada.

No Brasil, o contexto foi igualmente complexo. As disparidades socioeconômicas já existentes foram intensificadas com a transição abrupta para o ensino remoto. Relatórios como o do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2021) destacam que muitos estudantes (4,8 milhões de crianças e adolescentes), especialmente nas regiões mais vulneráveis, não tiveram acesso regular a dispositivos tecnológicos ou à internet, o que dificultou a continuidade do aprendizado.

⁶ Organização Mundial de Saúde – Disponível em: <https://www.who.int/pt/> Acesso em: 18 mai. 2025.

⁷ Canva é uma plataforma de design gráfico – Disponível em: <https://www.canva.com/>. Acesso em 10 abr. 2024.

O contexto da pandemia global impôs à sociedade a necessidade de repensar valores, romper com práticas estabelecidas e se adaptar a novas formas de convivência em diferentes espaços e temporalidades. Apesar da intensa cobrança sobre os professores para manterem a produção durante esse período e das barreiras logísticas, estruturais e pedagógicas enfrentadas, observa-se que não foram asseguradas condições mínimas adequadas para o uso efetivo das mídias e tecnologias, tanto para os docentes quanto para os estudantes. Os professores precisaram se empenhar para reorganizar o processo educativo a partir dos recursos tecnológicos disponíveis, buscando garantir a continuidade do ensino. Nesse processo, tornou-se necessário incorporar de forma sistemática as tecnologias e mídias tanto nas aulas remotas quanto nas presenciais, ultrapassando os limites do modelo tradicional de ensino (Lima Júnior, 2020, p.36).

A presente pesquisa intitulada *Fazer com docentes*⁸: um percurso para práticas educacionais apresenta uma abordagem que investiga as possibilidades da relação entre a Educação Midiática e a Educomunicação e de que forma podem ou não contribuir com a formação continuada docente.

Como afirmou Moran (2012, p.84) é necessário arriscar um pouco mais, navegar juntos, trocar informações, apoiados em um guia mais experiente, mas que não tem todas as certezas, porque elas não existem como antes se pensava. Isso se torna mais evidente após o ano de 2020, pois com a pandemia o fazer cotidiano inaugurou tempos e espaços diferentes.

Nesse sentido, a reflexão sobre práticas pedagógicas em tempos e espaços diferentes converge com as contribuições freireanas, conforme citam Jackwi & Haracemiv (2021, p. 17):

Paulo Freire é considerado precursor da interface comunicação e educação, sendo fundamental para embasar práticas emancipatórias relacionadas à educação e aos meios de comunicação, devido à profundidade e à atemporalidade de suas contribuições para o campo da educação popular na América Latina.

A perspectiva de Freire, ao enfatizar a educação como prática libertadora, alinha-se à ideia de Moran de uma aprendizagem coletiva e incerta, na qual a figura do professor não centraliza saberes, mas media construções críticas.

Nesse sentido, a Figura 2, apresenta o percurso inicial da pesquisa:

⁸ Título inspirado na citação de Freire “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em **comunhão**” do livro *A Pedagogia do Oprimido*, 2019 - 50ª edição, p. 33.

Figura 2 – Mapa mental utilizado como referência na etapa inicial das leituras.



Fonte: Elaborado pela autora no CANVA a partir das referências bibliográficas da pesquisa.

A Formação Docente é o núcleo do mapa, representando a preparação de professores para atuar em contextos educacionais complexos. Envolve a integração de práticas pedagógicas e políticas públicas, com ênfase na adaptação às demandas, como a inclusão de tecnologias e mídias na educação analisadas após o período pandêmico.

O campo interdisciplinar Educomunicação na figura 2 promove a produção crítica de mídias em sala de aula e conecta com a Formação Docente na intenção de democratizar o acesso à informação e fomentar a expressão criativa. Baseia-se em autores como Kaplún, Soares e Freire, enfatizando a dialogicidade e a participação ativa dos professores e estudantes.

O campo Educação Midiática na parte de cima no mapa, com foco no desenvolvimento de habilidades para receber, analisar e produzir mídias relaciona-se com documentos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e na Estratégia Brasileira de Educação Midiática⁹ (EBEM) que orienta a inserção do campo na educação básica, em todas suas modalidades, formação profissional,

⁹ Eixos de atuação da EBEM – Disponível em: https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/10/estrategia-brasileira-de-educacao-midiatica-apresenta-as-politicas-publicas-voltadas-para-a-populacao/2023_secom-spdigi_estrategia-brasileira-de-educacao-midiatica.pdf. Acesso em: 28 jun. 2025.

parcerias com academia, sociedade civil e iniciativa privada, desenvolvimento de campanhas educativas, promoção do uso consciente de telas e dispositivos digitais por crianças e adolescentes e participação social.

No mapa mental, Figura 2, as laterais apontam: aspectos de multiletramentos citados por Moran (2012); a crítica ao hiato secular entre a escola e as transformações sociais e tecnológicas referenciados por Nóvoa (2022) e reflexões sobre relatórios como o Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas – MECOM¹⁰ e seu impacto na formação de professores. Ainda destacam-se as Organizações Internacionais: UNESCO e UNICEF que influenciam políticas públicas nacionais, além de recursos, práticas e estratégias que legalmente estariam embasadas pela curadoria dessas instituições entre outras.

Assim o mapa dialoga em todos os sentidos, apresentando-se como uma rede de saberes que exige: domínio teórico, alinhamento a políticas e documentos normativos e também o uso de recursos midiáticos. Essa abordagem pretende dialogar junto aos professores na perspectiva de corroborar com a mediação de uma educação crítica e participativa. A estrutura reflete a necessidade de articulação entre: epistemologia: autores, normatividade: documentos e pragmatismo: práticas; típicas de pesquisas acadêmicas que venham a contribuir com o cenário escolar.

A escola como um dos espaços que permitem aos professores e aos estudantes construírem uma relação sólida com o conhecimento e a informação, é fundamental na formação de cidadãos mais capazes e conscientes de seu papel na sociedade. Tal qual nos diz Gilberto Gil (1997) na música *Pela Internet*:

Criar meu website

Fazer minha homepage

Com quantos gigabytes

Se faz uma jangada e um barco que veleje

E também na atualização da música *Pela internet 2*, do mesmo Gilberto Gil (2018):

Meu novo website

Minha nova fanpage

Agora é terabyte

Que não acaba mais por mais que se deseje

¹⁰ MECOM - O Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas (MECOM), coordenado pelo prof. Dr. Adilson Citelli, está sediado no Departamento de Comunicações e Artes, da Escola de Comunicações e Artes-USP.

A ideia é lidar com a *infodemia*¹¹, especialmente à medida que as salas de aula se inserem cada vez mais em uma cultura digital. Nesse sentido Nóvoa (2022, p.15) enfatiza que “a escola precisa da coragem da metamorfose, de transformar a sua forma” e para tal é relevante repensar a formação dos professores também.

Nesse sentido, com a intenção de metamorfosear como disse Nóvoa, pretende-se nessa pesquisa refletir de que forma a aproximação entre os campos de conhecimento: Educomunicação e Educação Midiática podem contribuir ou não com a Formação Docente.

A importância da formação continuada docente em relação às tecnologias é evidenciada no conceito de Educação Midiática que, nos últimos dez anos, no Brasil, tem se consolidado como um campo de formação no mundo digital. Neste período, diversos conceitos ganharam destaque, fomentando as discussões e práticas pedagógicas:

A UNESCO¹², por exemplo, define a Educação Midiática como um conjunto de competências que envolvem não apenas a interpretação crítica, mas também a valorização do papel social das mídias e a produção responsável de conteúdos, integrando aspectos éticos e participativos na sociedade conectada.

Livingstone (2004, p.4) reconhece a Educação Midiática como a capacidade de acessar, analisar, avaliar e criar mensagens em uma variedade de formatos.

Aqui destacamos o conceito apresentado por Potter (2018, p.15) que reconhece a Educação Midiática como um processo contínuo de desenvolvimento de habilidades cognitivas que permitem analisar, avaliar, criar e agir frente às mensagens midiáticas de qualquer formato ou plataforma. Isso coaduna com a Formação Continuada Docente como um processo contínuo de desenvolvimento de habilidades.

É pertinente apresentar também o conceito de Educomunicação conforme desenvolvido por Soares (2011, p.15), como um campo teórico-prático que integra as áreas da educação e da comunicação, visando a formação crítica e participativa de cidadãos em diferentes contextos socioculturais. Soares, pioneiro na sistematização desse conceito no Brasil, define a Educomunicação

¹¹ De acordo com a Academia Brasileira de Letras, infodemia é a denominação dada ao volume excessivo de informações, muitas delas imprecisas ou falsas (desinformação), sobre determinado assunto (como a pandemia, por exemplo), que se multiplicam e se propagam de forma rápida e incontrolável, o que dificulta o acesso a orientações e fontes confiáveis, causando confusão, desorientação e inúmeros prejuízos à vida das pessoas. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/infodemia> . Acesso em 29 abr. 2024.

¹² Conceito de Educação Midiática segundo a UNESCO – Disponível em: <https://www.unesco.org/mil4teachers/en/curriculum> Acesso em 18 mai. 2025.

como uma prática que busca "ampliar o coeficiente comunicativo das ações educativas", promovendo a democratização da comunicação e o empoderamento midiático de professores e estudantes.

O conceito de Educomunicação também é apresentado pela Academia Brasileira de Letras¹³ (ABL) em uma de suas definições como o conjunto de conhecimentos e ações que visam desenvolver ecossistemas comunicativos abertos, democráticos e criativos em espaços culturais, midiáticos e educativos formais (escolares), não formais (desenvolvidos por Organização Não Governamentais - ONGs) e informais (meios de comunicação voltados para a educação), mediados pelas linguagens e recursos da comunicação, das artes e tecnologias da informação, garantindo-se as condições para a aprendizagem e o exercício prático da liberdade de expressão.

A pesquisa se ancora teoricamente em contribuições educacionais que abordam conceitos e práticas, amparados pelo pensamento crítico, dialógico, participativo e com os sujeitos, para a tomada de consciência e quiçá emancipação dos mesmos.

A escolha pela Educação Midiática, a partir dos princípios internacionais capitaneados pela UNESCO (2016) e assumidos pelo governo federal brasileiro¹⁴ a partir do Ministério da Educação (MEC) e Ministério da Comunicação (MCom) apresenta bases teóricas, além de documentos e relatórios do Instituto Palavra Aberta¹⁵.

Dentro deste contexto, este trabalho procura investigar, analisar e quiçá contribuir com uma proposta de formação pensada junto aos professores na tentativa de combinar práticas educacionais a partir do uso da mídia de forma crítica e emancipatória.

Além dos desafios e oportunidades já mencionados, o Relatório MECOM (2023, p. 31) que analisa as inter-relações entre comunicação e educação no contexto do ensino básico, reforça a importância da mediação tecnológica nas práticas pedagógicas. O relatório destaca que, embora muitos professores tenham adotado artefatos digitais durante a pandemia, ainda há uma lacuna significativa na formação para o uso crítico e criativo dessas tecnologias.

Dessa forma, o período pandêmico funcionou como um laboratório de inovação e improvisação, onde professores foram obrigados a explorar diferentes plataformas, como *Moodle*,

¹³ Uma das definições do conceito de Educomunicação. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/educunicacao#>. Acesso em: 28 abr.2025.

¹⁴ Disponível em: https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/10/estrategia-brasileira-de-educacao-midiatica-apresenta-as-politicas-publicas-voltadas-para-a-populacao/2023_secom-spdigi_estrategia-brasileira-de-educacao-midiatica.pdf Acesso em 22 abr. 2024

¹⁵ Disponível em: <https://www.palavraaberta.org.br/> Acesso em 22 abr. 2024

Google Classroom, *Zoom* e *Whatsapp*, para garantir alguma forma de continuidade no processo de ensino-aprendizagem.

No contexto da formação continuada docente, a discussão sobre softwares proprietários e livres ganha relevância crítica. Pretto e Sérgio Silveira (2008, p. 112) destacam que a escolha entre essas ferramentas não se limita à funcionalidade técnica, mas reflete uma postura política e pedagógica. Eles argumentam que os softwares livres, como o *Moodle*, promovem autonomia tecnológica e colaboração, rompendo com a lógica de dependência imposta pelas corporações, enquanto os proprietários como o *Google Classroom*, podem reforçar assimetrias no acesso e na customização pedagógica. Um trecho direto do livro exemplifica essa crítica: “A adoção de softwares proprietários nas escolas, ainda que eficientes em curto prazo submetem a educação a uma lógica mercadológica que limita a criatividade e a apropriação crítica das tecnologias pelos educadores”.

Complementando a análise, Kenski (2012, p.47) reforça a importância da integração crítica das tecnologias digitais na formação continuada docente, especialmente em um cenário pós-pandêmico. Ela argumenta que a aceleração do uso de ferramentas digitais, tanto proprietárias quanto livres, exige dos educadores não apenas domínio técnico, mas uma reconfiguração das práticas pedagógicas em diálogo com as atuais demandas e destaca que “as tecnologias não são neutras: carregam em si visões de mundo e modelos de gestão do conhecimento que podem tanto reproduzir desigualdades quanto fomentar autonomia”.

Essa crise expôs fragilidades estruturais e desigualdades no sistema educacional brasileiro, mas também gerou novas oportunidades. Para além das dificuldades, houve um avanço significativo no desenvolvimento de competências digitais por parte dos docentes. Muitos deles começaram a incorporar de maneira mais criativa as tecnologias nas suas práticas pedagógicas, promovendo maior interatividade e autonomia no aprendizado dos estudantes. Contudo, esse avanço não foi uniforme, e é necessário considerar as diferentes realidades enfrentadas por professores em contextos urbanos e rurais, e em escolas públicas e privadas, além do olhar para a inclusão e qualidade (Lacerda e Junior, 2021, p.84).

Em contextos com infraestrutura adequada, que combinasse tecnologia acessível, formação crítica e políticas públicas sustentáveis, observou-se maior flexibilidade e inovação no uso das tecnologias, enquanto em regiões com menor acesso, as práticas ficaram comprometidas, limitando o impacto positivo do uso de mídias digitais. Conforme Nonato e Cavalcante (2022, p. 24),

a ausência de políticas consistentes de formação continuada para professores da Educação Básica no uso de tecnologias digitais na docência torna-se um obstáculo significativo para atingir a qualidade educacional desejada por todos.

Nesse sentido, indaga-se: De que maneira é possível aproximar Educomunicação e Educação Midiática para corroborar junto à formação continuada de professores, promovendo abordagens dialógicas e críticas no contexto da sociedade contemporânea?

A presente pesquisa se justifica por perceber:

- **Análise de propostas acerca da Educação Midiática e Educomunicação para a formação docente** visto que os estudos indicam a necessidade de investigações mais aprofundadas para compreender como e se ambas podem contribuir de forma significativa e dialógica junto à formação de professores (Soares, 2014, p. 16).

- **Relevância na aplicabilidade das diretrizes brasileiras legais que regulam a Educação**, pois Moran (2012, p. 68) afirma que a escola não pode ser diferente da sociedade, pois nela se forma e dela faz parte;

- **Exploração insuficiente de abordagens relacionadas à Educação e Comunicação para prática no cotidiano da sala de aula** que conforme Fantin (2016, p.18) é fundamental ampliar metodologias que utilizem práticas pedagógicas, sugerindo a necessidade de desenvolver e propor tais abordagens na formação docente;

- **Dificuldade em efetivar formações junto aos professores**, dado à complexidade e volume de informações – consideração relevante de acordo com o Guia da Educação Midiática¹⁶ (2020) que afirma que “vivemos uma era de abundância de informação, em que novos formatos e linguagens de mídias surgem a todo o momento, exigindo que a nossa visão sobre o que é letramento seja igualmente ampliada”. Além da significativa demanda exigida aos professores no contexto escolar e além dele, como: estudos, planejamentos, correções e montagem de materiais, entre outros.

O trabalho apresenta uma abordagem frente à realidade analisada no seu caráter científico, o assunto é essencial para os cidadãos no acesso às informações, indispensável aos professores e estudantes em espaços de aprendizagem como contribuição para a sociedade e para pautar diálogos nos cursos de formação e nas reflexões propostas junto às políticas educacionais, ponto de interesse pessoal da pesquisadora.

¹⁶ Guia de Educação Midiática – Disponível em: <https://educamidia.org.br/guia> . Acesso em: 30 jan. 2025.

Embora existam estudos sobre a importância da Educação Midiática e da Educomunicação, de acordo a pesquisa exploratória, poucos exploram a interseção entre essas áreas para uma formação pensada junto aos docentes. Esta pesquisa propõe aprofundar os estudos das temáticas Educomunicação e a Educação Midiática e propor uma formação pensada junto aos docentes que contribua sistematicamente com o cenário digital. Esse cenário é complexo e marcado por avanços tecnológicos, desafios educacionais e questões éticas e essa abordagem busca ampliar o ambiente escolar em um espaço de diálogo, colaboração e cidadania.

Conforme dito por Freire (2002, p.29), o diálogo transcende a mera transmissão de conhecimentos, promovendo a horizontalidade nas relações e o respeito à diversidade de vozes. Essa prática dialógica favorece a colaboração, que se materializa na construção coletiva de saberes, estimulando a cooperação. Dessa forma, a escola consolida-se como espaço democrático, onde o diálogo sustenta a colaboração, e ambas convergem para a formação cidadã, alinhada aos princípios de equidade e responsabilidade coletiva.

Pensando nisso, considera-se aqui contextualizar aspectos relevantes no tempo e espaço, como a restrição ao uso de celulares, o uso da Inteligência Artificial e a presença das *Big Techs*.

A restrição ao uso de celulares nas escolas brasileiras conforme Lei 15.100 de 13/01/2025¹⁷ reflete na forma que esse artefato tem sido utilizado e tem promovido intenso debate principalmente sob o prisma do Estatuto da Criança e do Adolescente¹⁸ (ECA) dentre outros dispositivos legais. Apesar da ubiquidade dos dispositivos móveis na sociedade, muitas escolas brasileiras optam pelo não uso de celulares em sala de aula justificando pela preocupação com a distração dos estudantes.

Anterior a esse período Kenski (2012, p. 78), sinalizava que a proibição refletia uma visão conservadora que não reconhece o potencial desses dispositivos como artefatos de aprendizagem. No entanto ela fala de outro contexto digital, sem ação dos algoritmos, sem economia da tenção e sem coleta de dados. Atualmente faz-se necessário pontuar o cuidado que a legislação traz em relação ao aprendizado dos estudantes e principalmente ao uso que se faz do artefato.

O ECA, no artigo 4º, destaca o dever de assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à educação, à cultura e ao respeito. Diante disso, limitar o uso de dispositivos

¹⁷ Lei 15.100 - Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais na educação básica – Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-15.100-de-13-de-janeiro-de-2025-606772935> . Acesso em 04 mar. 2025.

¹⁸ Lei 8.069 – Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências – Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm Acesso em 10 jul. 2025.

móveis nas escolas pode ser uma forma de proteger os direitos dos estudantes ao garantir um ambiente de ensino focado no aprendizado e na interação social.

A Inteligência Artificial tem se destacado no cenário digital, tanto na educação quanto em outros setores. No contexto educacional, ferramentas baseadas em IA, como plataformas de aprendizagem adaptativa, *chatbots*¹⁹ e sistemas de análise de dados, estão sendo utilizadas para personalizar o ensino e melhorar a gestão escolar.

Segundo Selwyn (2019, p.62), a Inteligência Artificial tem o potencial de transformar a educação, mas também traz desafios éticos e pedagógicos, como a privacidade dos dados e a redução da interação humana. O uso de IA na educação ainda é limitado, mas vem crescendo, especialmente em iniciativas privadas e em programas governamentais. Um exemplo é o uso de sistemas de tutoria inteligente em plataformas como a *Khan Academy*²⁰, que adaptam o conteúdo às necessidades individuais dos estudantes. No entanto, como alerta Santaella (2020, p.102), “é necessário garantir que o uso de IA na educação seja inclusivo e não amplie as desigualdades digitais”, além de exigir atenção à privacidade dos dados.

Também nesse sentido Selwyn (2019, p. 92) reitera que embora a prática docente de um professor humano não seja imune a imperfeições e falhas, transferir essa função para robôs e inteligências artificiais também não parece ser a alternativa mais adequada para a educação.

De acordo com o site CONJUR²¹ precisamos, de fato, de regulação ética e jurídica para a IA: de transparência algorítmica, de responsabilização por decisões automatizadas, de proteção contra vieses discriminatórios. Mas também precisamos superar o pânico moral que transforma toda inovação em ameaça existencial. A história nos ensina que a tecnologia é um amplificador das capacidades humanas — para o bem e para o mal. A imprensa tanto disseminou conhecimento quanto propaganda. A internet tanto conectou pessoas quanto espalhou desinformação. A Inteligência Artificial seguirá o mesmo padrão, refletindo nossas virtudes e vícios.

As *Big Techs*²² desempenham um papel ambíguo, oferecendo artefatos úteis, mas também levantam preocupações sobre o controle e a mercantilização da educação. Para Moran (2018, p. 45), a dependência das *Big Techs* na educação pode limitar a autonomia das instituições e dos educadores,

¹⁹ Chatbot é um programa de computador que simula e processa conversas humanas. Disponível em: <https://www.oracle.com/br/chatbots/what-is-a-chatbot/>. Acesso 10 mar. 2025.

²⁰ Khan Academy é uma organização sem fins lucrativos com a missão de proporcionar uma educação gratuita e de alta qualidade para todos, em qualquer lugar. Disponível em: <https://pt.khanacademy.org/>. Acesso em 15 mar. 2024.

²¹ Debate sobre IA – Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2025-jun-07/>. Acesso em 08 jul. 2025.

²² Big techs, ou gigantes de tecnologia, são as grandes empresas que exercem domínio no mercado de tecnologia e inovação, como Apple, Google, Amazon, Microsoft e Meta – Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-sao-big-techs.htm>. Acesso em 28 fev. 2025.

além de reforçar a lógica de mercado no setor educacional. No Brasil, muitas escolas públicas e privadas adotam soluções oferecidas por essas empresas, muitas vezes sem uma reflexão crítica sobre seus impactos.

No entanto, o CONJUR²³ também aponta que o alcance das plataformas digitais supera a população de qualquer país no planeta. O Facebook tem quase três bilhões de usuários; o WhatsApp, mais de 2 bilhões; o TikTok, 1,5 bilhão. Nenhuma nação no mundo chega perto disso. A China, o país mais populoso, tem pouco mais de 1,4 bilhão de habitantes. Esses números demonstram o tamanho do poder dessas empresas sobre as relações sociais, econômicas, culturais e até políticas. E, frente a esse impacto, é inconcebível que essas plataformas continuem operando sem assumir responsabilidades proporcionais aos riscos e danos que sua atividade gera.

Apesar de prometerem democratizar o acesso à educação, as soluções das *Big Techs* podem ampliar as desigualdades digitais. Santos (2020, p. 34) aponta que a adoção de tecnologias caras e dependentes de infraestrutura de alta qualidade exclui escolas e estudantes em regiões com poucos recursos. Além disso, a falta de acesso à internet de qualidade em muitas áreas do Brasil limita o potencial desses artefatos.

Diante dessas contradições, surgem movimentos que defendem o uso de tecnologias livres e de código aberto, como o *Moodle* e o *Linux* Educacional, que permitem maior autonomia e adaptação às necessidades locais. Nesse sentido, Pretto (2019, p. 12) defende que a educação deve priorizar tecnologias que respeitem a diversidade cultural e promovam a colaboração, em vez de reforçar o domínio de grandes corporações.

Percebe-se que o uso das *Big Techs* nas escolas é marcado por contradições que mostram os desafios da educação na era digital. Para enfrentar esses desafios, é essencial que as escolas adotem uma postura crítica e busquem alternativas que priorizem a autonomia, a inclusão e a ética. No Brasil, a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD 2018)²⁴ tenta regulamentar esse cenário, mas ainda necessitam esclarecimentos sobre como proteger os dados de sua comunidade escolar e da sociedade de forma geral.

Para Gusmão e Souza (2024, p. 39) as discussões sobre os impactos causados pelo uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) vêm se aprofundando no meio

²³ Responsabilidade civil no ambiente digital é dever, não opção - <https://www.conjur.com.br/2025-jul-08/> . Acesso em 03 jul. 2025.

²⁴ Esta Lei dispõe sobre o tratamento de dados pessoais, inclusive nos meios digitais, por pessoa natural ou por pessoa jurídica de direito público ou privado. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm . Acesso em 27 fev. 2025.

acadêmico, os debates giram em torno das influências positivas e negativas que essas ações podem causar, em especial no âmbito escolar.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023)²⁵, a frequência com que as pessoas utilizavam a Internet em 2023 era:

94,3% usavam todos os dias; 2,3% utilizavam quase todos os dias (cinco ou seis dias por semana); 2,7%, de uma a quatro vezes por semana; e apenas 0,6% utilizavam com uma frequência inferior a uma vez por semana. Isso torna evidente que o uso e o acesso à internet vêm permeando o ambiente social e impacta sobre as relações e consequentemente na educação. É o que mostra o módulo: Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). (IBGE 2023)

Ainda segundo o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA, 2022)²⁶, 67% dos jovens de 15 anos não conseguem distinguir entre um fato e uma opinião. Isso revela uma deficiência no uso crítico das tecnologias e mídias digitais. Percebe-se uma diferença importante entre saber usar esses artefatos culturais e saber utilizá-los de forma crítica, ou seja, com capacidade de analisar e refletir sobre o conteúdo que consomem ou produzem.

Assim apontam Marconi e Lakatos (2003, p.18) que a leitura é um fator decisivo de estudo para ampliação de conhecimentos, obtenção de informações, novos horizontes para a mente, sistematização do pensamento, enriquecimento de vocabulário e melhor entendimento do conteúdo.

A escolha do tema da pesquisa está alinhada à trajetória acadêmica e profissional da pesquisadora, uma vez que, durante a graduação em Pedagogia, disciplinas como Introdução às Práticas Pedagógicas despertaram o interesse em investigar mais profundamente como estratégias diferenciadas relacionadas à leitura e à escrita em sala de aula assim podem facilitar os multiletramentos advindos da inserção das tecnologias na sociedade. Além disso, a pesquisa representa uma oportunidade de aprofundar os conhecimentos em Educomunicação e Educação Midiática, contribuindo para formação como pesquisadora e profissional.

O interesse pelas temáticas Educomunicação e Educação Midiática, surge do locus profissional da pesquisadora e da historicidade entre educação e comunicação que mostra uma ressignificação no fluxo da construção de conhecimentos, constatada por Soares (2011, p.17), quando

²⁵ Dados do IBGE – Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41026-em-2023-87-2-das-pessoas-com-10-anos-ou-mais-utilizaram-internet> . Acesso em 01 mar. 2025.

²⁶ Dados do PISA – Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/pisa/> . Acesso em 10 mar. 2025.

da interação comunicativa dialógica e envolvente, no ambiente do ecossistema de comunicação escolar, facilitada por professores, estudantes e comunidade escolar tem um papel fundamental na prática educacional.

A pesquisadora discente egressa da Faculdade de Educação no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia - UFU ingressou na docência pelo curso de Magistério²⁷ realizado em instituição pública, assim como toda a sua educação básica. Desenvolveu atividades pedagógicas com o uso do jornal em sala de aula e tornou-se formadora de professores pela Secretaria de Educação do município de Uberlândia.

O trabalho com o jornal permitiu que a pesquisadora trabalhasse com outros profissionais do país que desenvolviam trabalho similar com o jornal na escola e possuíam vínculo pela Associação Nacional de Jornais – ANJ. Por esse vínculo entre educação e comunicação, a mesma ficou por mais de uma década à frente do trabalho com formação de professores no município e produziu uma série de atividades pedagógicas inicialmente com o uso do jornal, em seguida com outras mídias impressas e posteriormente com o uso das mídias digitais.

Teve oportunidade a convite de uma empresa privada do município de Uberlândia de promover formação com professores em doze outros municípios do sul ao nordeste do país e nesse sentido empreendeu abrindo sua própria empresa para realização de ações semelhantes junto às instituições públicas e privadas, desenvolvendo formação com professores acerca do uso das mídias e tecnologias e da proposta de desenvolver uma educação mais crítica e emancipadora.

Inspirada por essa ação profissional retomou os estudos na época da pandemia e ingressou no mestrado profissional do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Tecnologias e Educação - PPGCE²⁸ da UFU com a expectativa de reconhecer no campo acadêmico a base científica e filosófica que sustenta boa parte de sua atuação profissional e para tal tem na área da Educomunicação, recursos que assegurem esse rigor. As disciplinas obrigatórias e optativas foram fundamentais para ampliar o repertório da pesquisadora e decisivas foram também às contribuições dos professores do PPGCE seja nas aulas presenciais, nos papos e nas mediações durante os processos e as avaliações. Fazer parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Tecnologia, Comunicação e

²⁷ Magistério era a formação integrada ao ensino médio para aquele que pretendia atuar como professor. Desde o ano de 1996, o governo federal determinou que para exercer a docência fosse necessário o curso superior em Pedagogia, Licenciaturas ou Formação Pedagógica.

²⁸ PPGCE – Disponível em: <https://ppgce.faced.ufu.br/cursos/mestrado-profissional/mestrado-profissional-em-tecnologias-comunicacao-e-educacao> . Acesso em 18 mar. 2025.

Educação – GTECOM²⁹ trouxe oportunidades de trocas e ampliou os estudos na área além da presença em eventos acadêmicos, seja por participação propriamente dita ou apresentação de trabalhos.

Considerando aspectos citados como a carreira profissional da pesquisadora e os impactos da pesquisa nas áreas da Educação e da Comunicação, este estudo justifica-se academicamente pela análise de pesquisas que abordam a aproximação entre Educomunicação e Educação Midiática para formação continuada docente. Apesar de existirem estudos sobre a proximidade entre as áreas, poucos exploram a efetiva intenção de pensar a formação junto aos docentes. Dessa forma, esta pesquisa busca contribuir para o avanço do conhecimento específico, oferecendo novas reflexões e dados que possam subsidiar futuros estudos.

A relevância social desta pesquisa reside na possibilidade de contribuir para e com a formação docente, que contempla diretamente um público que necessita de apoio e empatia diante de tantos desafios vinculados à realidade profissional. Ao investigar a aproximação entre Educomunicação e Educação Midiática, espera-se que os resultados possam subsidiar ações ou políticas públicas que visem à ampliação do debate sobre o tema, promovendo maior conscientização e engajamento social.

Ainda para legitimar essa proposição, destaca-se Freire:

Acho, aliás, que essa atitude favorável ao uso de determinados recursos não é nem tanto uma questão de habilitação, de formação profissional dos professores; é antes uma questão de bom senso. Me lembro que minha mãe, por exemplo, fazia jogral, fazia jornal falado, vinte e tantos anos atrás. Ora, alguém pode dizer: “Mas jornal falado é coisa de rádio, não?” Pois minha mãe fazia isso em sala de aula. Por quê? Por achar que isso talvez motivasse mais as crianças. Perguntei a ela por que utilizava esse recurso, tentando ver se haveria alguma teoria sobre. Não havia teoria nenhuma. Ela disse: “Porque sei que assim as crianças participam mais; ficam interessadas em ser o repórter Esso³⁰, o locutor de jornal falado...”. (2013, p.21)

Segundo a UNESCO (2016, p.112), a Literacia midiática³¹ e informacional é uma competência essencial no século XXI, promovendo a capacidade de interpretar e utilizar de forma

²⁹ GTECOM – Disponível em: <https://ppgce.faced.ufu.br/grupos-de-pesquisa/gtecom-grupo-de-estudos-e-pesquisas-em-tecnologias-comunicacao-e-educacao> . Acesso em 28 fev. 2025.

³⁰ O Seu Repórter Esso (ou simplesmente Repórter Esso) foi um noticiário histórico do rádio e da televisão brasileira. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-08/cem-anos-do-radio-no-brasil-conheca-historia-do-reporter-esso> . Acesso em 10 mar. 2025.

³¹ Os termos *Literacia midiática*, *media literacy* e educação midiática tem conceitos afins e diferentes referências históricas, no entanto neste trabalho optou-se por utilizar Educação midiática que coaduna com a base legal e federal vigente no país.

ética as diversas formas de mídia. Em um mundo onde as *fake news* e a desinformação se tornam cada vez mais comuns, apenas 2 em cada 10 pessoas conseguem discernir a veracidade de uma notícia online sem auxílio de fontes externas (REUTERS INSTITUTE, 2022). Esse contexto coloca em evidência a necessidade de trabalhar junto aos professores para estimular ações efetivas junto aos seus estudantes.

A Educação Midiática imbricada à Educomunicação volta-se para reflexões de ensino e análise sobre, para e com os meios de comunicação para a educação. Na interseção entre educação e comunicação demonstram que o processo comunicativo – incluindo linguagem, tecnologias e mídias necessita ser exercitado e aprimorado em uma perspectiva emancipadora.

De acordo com os esclarecimentos de Belloni:

Em sua concepção mais ampla, mídia-educação é um conjunto de conhecimentos teóricos e de práticas educativas que visam estimular e propiciar a reflexão sobre as relações dos indivíduos (especialmente crianças e adolescentes) com as mídias e criar condições para a apropriação crítica e criativa desses meios de comunicação e de informação. Nas sociedades contemporâneas, a mídia-educação é elemento essencial dos processos de socialização das novas gerações, mas deve incluir também populações adultas, numa concepção de educação ao longo da vida. (...) Sua apropriação crítica e criativa é, pois, imprescindível para o exercício da cidadania. (Belloni, 2018a, p. 448)

Para Livingstone (2004, p.4) a Educação Midiática promove a capacidade de acessar, analisar, avaliar e criar mensagens em uma variedade de formatos. Para a Educomunicação, os educadores bem formados e capacitados para trabalhar com a mídia não só empoderam seus alunos, mas também criam espaços de aprendizagem mais democráticos e inclusivos, como aponta Soares (2014, p.22). Isso coloca o estudo como possível contribuição para propostas de formação continuada docente em diálogo com uma sociedade midiaticizada e cada vez mais conectada.

Dessa forma define-se como objetivo geral: analisar de que forma e se é viável, a aproximação entre Educação Midiática e Educomunicação como contributo para a formação continuada docente favorecendo o diálogo e a participação ativa de professores e estudantes no ensino fundamental.

E traz em seguida como objetivos específicos:

Investigar os fundamentos teóricos da Educomunicação e da Educação Midiática, destacando suas contribuições para o desenvolvimento do pensamento crítico e da dialogicidade;

Examinar as bases legais e diretrizes curriculares que abordam a inserção da Educação Midiática e a aproximação com a Educomunicação no sistema educacional brasileiro, com foco na formação continuada docente e nos parâmetros estabelecidos.

Propor um percurso metodológico para formação junto aos professores baseado na Educomunicação, por meio de práticas pedagógicas para explorar conteúdos midiáticos de forma crítica e criativa.

Esses objetivos permitem uma abordagem estruturada, alinhando teoria e legislação, além de pensar junto aos docentes, práticas críticas e dialógicas.

A escolha da pesquisa científica funciona como um guia para limitar o escopo dos fatos a serem investigados. Em qualquer área da realidade, a quantidade de dados que podem ser analisados é infinita. No entanto, cada ciência, de forma específica, concentra-se em aspectos particulares, definidos por parâmetros, estudando os fenômenos mais relevantes dentro desses limites. Dessa forma, explora-se uma gama restrita de elementos, enquanto outros são ignorados ou abordados por meio de suposições, segundo Lakatos (2003, p.114).

Tomando por base as leituras e estudos acerca do percurso da Educação Midiática e da Educomunicação na última década é proposta uma formação a ser pensada junto aos docentes que traga possibilidades de articulação aliadas à realidade e efetivamente aplicáveis.

A pesquisa básica foi utilizada pela autora para elucidar pontos importantes com o intuito de compreender os conceitos de Educação Midiática e Educomunicação e a fim de legitimar as ações propostas para formação continuada docente.

Afirma Demo (2006, p.22 e 23) que o domínio teórico significa construção, via pesquisa da capacidade de relacionar alternativas explicativas, de conhecer seus vazios e virtudes, sua história, sua consistência, sua potencialidade, de cultivar a polêmica dialogal construtiva, de especular chances possíveis de caminhos outros. Menciona também que o bom teórico é, sobretudo aquele que sabe bem perguntar, colocando a teoria no devido lugar.

E assim como acima deu rima, a pesquisa qualitativa atende de forma substancial o percurso desenvolvido desde a base teórica até a proposta de formação docente.

Conforme indica Gil (2002, p.41), pesquisas exploratórias objetivam facilitar familiaridade do pesquisador com o problema objeto da pesquisa, para permitir a construção de

hipóteses ou tornar a questão mais clara. Os exemplos mais conhecidos de pesquisas exploratórias são as pesquisas bibliográficas e os estudos de caso.

Nesse caso, utilizou-se da pesquisa exploratória para os levantamentos e estudos bibliográficos tendo por foco a análise que auxilie na compreensão do problema e o uso da pesquisa descritiva buscou listar de características de fenômenos e de correlação entre variáveis para levantar opiniões, atitudes, valores e crenças.

A princípio, toda pesquisa tem um caráter bibliográfico em algum momento de sua concepção, mas segundo Gil (2002, p.59), a pesquisa bibliográfica é um trabalho de natureza exploratória, que propicia bases teóricas ao pesquisador para auxiliar no exercício reflexivo e crítico sobre o tema em estudo. Em primeiro momento é bastante útil para aguçar a curiosidade do pesquisador e despertar inquietações sobre o tema a ser estudado.

A pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. De modo geral, consistem na busca, leitura, avaliação e sistematização objetiva de evidências para esclarecer fenômenos passados e suas relações com o tempo sócio-cultural-cronológico, com o objetivo de obter conclusões ou explicações para o presente, de acordo com Gil (2002, p. 87).

Dessa forma, a partir da análise da questão de pesquisa, citada anteriormente: De que maneira é possível aproximar Educomunicação e Educação Midiática para corroborar junto a formação continuada de professores, promovendo abordagens dialógicas e críticas no contexto da sociedade contemporânea?

A análise documental, uma metodologia de pesquisa que foca na análise de materiais escritos e outros documentos, como diretrizes curriculares, políticas públicas e materiais educativos facilitaram a compreensão da correlação desses com a base teórica.

Para seleção e análise dos estudos foi realizada uma triagem pela:

1. Busca inicial: remoção de duplicadas;
2. Leitura de títulos e resumos: aplicação dos critérios de inclusão e exclusão conforme questão de pesquisa;
3. Leitura integral dos selecionados e listagem de palavras redundantes nos textos;

4. Extração de dados: título, autor, edição, editora, ano, país, metodologia, objetivos, resultados, desafios e recomendações;
5. Ferramentas: anotações de próprio punho em caderno e tabelas de Excel;
6. Resultados: agrupamento dos estudos por categorias, como: abordagens, crítica, infraestrutura, resistência e estratégias pós-pandemia.

Foram utilizados como critérios de inclusão/exclusão: o alinhamento das três concepções citadas na questão de pesquisa relacionadas no documento, ou seja, o que aparecia diretamente relacionado à questão de pesquisa e o que não apresentava conexão; no período de 10 anos (2014–2024); foram considerados documentos nos três idiomas: Português, Inglês e Espanhol; dentre os documentos foram pesquisados: artigos científicos, teses, dissertações, livros e relatórios. O foco da pesquisa exploratória considerava estudos que relacionassem Educomunicação, Educação Midiática e formação docente.

A estratégia de busca considerou em artigos, livros, pesquisas e documentos, as palavras-chave (em português): Educomunicação: "educomunicação"; Educação midiática: "educação midiática" e Formação docente: "formação de professores". Além das combinações: "educação midiática" AND "formação docente"; "educomunicação" AND "formação docente".

Optou-se por uma pesquisa bibliográfica e documental que permitiu reconhecer o estado da arte, aproximar da fronteira do conhecimento e considerar uma revisão sistemática da literatura da Educação Midiática e Educomunicação que foram essenciais para a proposta de formação continuada docente. As bases de dados: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)³², SCOPUS³³, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO)³⁴ foram utilizadas, além de Repositórios e Periódicos de Universidades Federais com os termos: **educação midiática, educomunicação, e formação docente**.

Observe a Figura 3:

³² CAPES é uma fundação vinculada ao MEC que atua na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) em todo o Brasil. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br> Acesso em 03 mar. 2025.

³³ Scopus é um banco de dados de resumos e citações científicas, lançado pela editora acadêmica Elsevier em 2004 na Holanda. Disponível em: <https://www.elsevier.com/products/scopus> Acesso em 03 mar. 2025.

³⁴ SciELO, também conhecida pelo nome em português Biblioteca Eletrônica Científica Online, é uma biblioteca digital de livre acesso e um projeto cooperativo de publicação digital de periódicos científicos. Disponível em: <https://www.scielo.br/> Acesso em 03 mar. 2025.

Figura 3 – Elementos da pesquisa exploratória.



Fonte: Elaborado pela autora no CANVA a partir das referências bibliográficas da pesquisa.

Dos **trezentos e quinze** títulos selecionados (conforme Figura 3) dentre livros, artigos, teses, dissertações, anais, destacaram-se **sessenta e três** (de acordo com Figura 4) que após a leitura exploratória de seus resumos, apresentaram mais coerência com o tema, com a questão da pesquisa e com os objetivos propostos. A partir da leitura na íntegra dos 63 títulos, foi realizado o fichamento do material utilizando da escrita manual, digitação e detalhamento em planilha para garantir o rigor científico do processo. A maioria dos títulos foi mantida e ao longo do processo de escrita e da qualificação ainda acrescentou-se outros títulos para agregar à relevância desse estudo.

Para tal, reconheça na Figura 4 essa seleção:

Figura 4 – Seleção dos elementos da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora no CANVA a partir das referências bibliográficas da pesquisa.

Dentre os títulos selecionados, vale evidenciar:

- Livro **Educomunicação e alfabetização midiática: conceitos, práticas e interlocuções** / organizado por Ismar de Oliveira Soares, Claudemir Viana, Jurema Brasil Xavier de 2016, que “permitirá ao leitor deparar-se com situações diferenciadas de práticas de educação midiática tendo como referências distintas bases conceituais e metodológicas”;

- Artigo **A importância da inter-relação entre o campo da comunicação/educação e os estudos de recepção: um olhar para a comunicação a partir dos sujeitos** de Maria Aparecida Baccega e Camila Rodrigues Netto da Costa Rocha do Intercom³⁵, 2017 que retoma “a construção do

³⁵ A Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – é uma instituição sem fins lucrativos, destinada ao fomento e à troca de conhecimento entre pesquisadores e profissionais atuantes no mercado. Acesso em 13/03/2025: <https://portalintercom.org.br/>

campo comunicação/educação como novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes é tarefa complexa que exige o reconhecimento dos meios de comunicação como um outro lugar do saber, atuando juntamente com a escola”;

- Livro **Educomunicação: reflexões e práticas na educação**, organizado por Diva Souza Silva em 2018 que “versa sobre diferentes lugares de fala em torno de um eixo teórico que é a Educomunicação no movimento da trama da experiência e da constituição dos sujeitos”;

- Livro **Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar** de Antonio Nóvoa com colaboração de Yara Alvim de 2022, propõe que “no meio desta tragédia pandêmica, sabemos, melhor do que nunca, que isoladamente pouco ou nada podemos. Só “juntos” poderemos definir os caminhos de futuro para a educação”;

- E-book: **Educação para a comunicação e para as mídias no século 21: as abordagens da educomunicação e da alfabetização midiática e informacional** publicado por Bruno Ferreira em 2024 com intuito de abordar as vertentes da Educomunicação e da Alfabetização Midiática e Informacional como balizadoras de práticas educativas alicerçadas na comunicação enquanto processo e nas mídias e informação como saberes disciplinares na educação básica;

- Tese de doutorado: **Educomunicação e políticas públicas: estudo comparativo de educação midiática entre as redes municipais de ensino do Rio de Janeiro e de São Paulo** por Elisângela Rodrigues da Costa na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo em 2018. O objetivo inicial é a confirmação de efetivas políticas públicas voltadas para os dois paradigmas em questão;

- Texto de blog: **Mudanças profundas na educação com a IA, nos próximos anos**. Blog Educação transformadora – Disponível em: <https://moran10.blogspot.com/2025/01/mudancas-profundas-na-educacao-com-ia.html> . Acesso em 17 jan. 2025. Considerando que mesmo que o tema não seja aprofundado na pesquisa é fundamental considerar essa reflexão.

Foram destacadas outras palavras advindas dos textos selecionados que foram representadas na Figura 5, pois após a leitura na íntegra dos textos, essas palavras tornaram-se importantes por permitirem apresentar um belo bordado das ideias que concatenam essa pesquisa. Para demonstrar o desenvolvimento da leitura dos títulos selecionados e mencionados anteriormente

podem-se perceber as aproximações com as palavras chave utilizadas na busca e as cores que mesclam e coloreem o esboço formando um ecossistema conceitual.

Figura 5 - Nuvem referente à recorrência das palavras nas leituras dos títulos.



Fonte: Elaborado pela autora no CANVA a partir das referências bibliográficas da pesquisa.

Esta pesquisa pretende colaborar com a educação a partir de uma proposta de formação continuada pensada junto aos docentes que aproxima Educomunicação e Educação Midiática de forma sistemática. Ao promover uma prática pedagógica crítica e participativa, espera-se que professores formados nessas abordagens reflitam e percebam o ambiente escolar como um espaço de diálogo, colaboração e cidadania para os estudantes, para seus pares e para a comunidade escolar.

Para tal está organizada em quatro seções correlacionadas. Em sua primeira seção está a estrutura do desenvolvimento da pesquisa com introdução, contextualização do tema, os objetivos e as limitações do trabalho permitindo uma visão clara do escopo proposto.

Na segunda seção seguem as bases e referências teóricas da Educação Midiática e da Educomunicação que permitem mapear o percurso da pesquisa numa linha de tempo.

Na terceira seção estão as bases legais que regulam a Educação Midiática no Brasil contemplando de que forma se observa a articulação com a Educomunicação e com a proposta de formação continuada docente.

A seção 4 traz uma proposta de formação continuada pensada junto aos professores e estruturada com base teórica e ações práticas que podem contribuir no cotidiano escolar e para além dele.

Na quinta seção, são tecidas as conclusões do trabalho, relacionando os objetivos identificados inicialmente com os resultados alcançados. São ainda propostas possibilidades de continuação da pesquisa desenvolvida a partir das experiências adquiridas com a execução do trabalho.

Nesse sentido, a escolha é pela concepção de docência como mediação de conhecimento, destacando o papel do professor como facilitador, reflexivo e transformador e citando Freire (2002, p.21):

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos; nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo.

Considerando o professor como aquele que além de mediar o conhecimento também promove a autonomia dos estudantes é fundamental reconhecer a formação como algo inerente ao processo educativo, pois deve promover a troca de experiências e a construção coletiva. Para tal aponta Tardif (2014, p.32) visto que os saberes docentes se constroem na prática, por meio da experiência e da reflexão sobre as ações realizadas.

Apontamentos estes que garantem ao estudo trazer como produto uma propositura de formação continuada pensada e dialogada junto aos professores que poderá ser organizada em etapas para o desenvolvimento e ampliação de propostas e ideias.

2 BASES DA EDUCAÇÃO MIDIÁTICA E EDUCOMUNICAÇÃO

De acordo com Nóvoa (2022, p. 24), há necessidade de transformar o modelo educacional construído no século XIX, que percorreu o século XX e alcançou, com sinais de fragilidade, ao século XXI. A pandemia apenas tornou inevitável o que já era necessário.

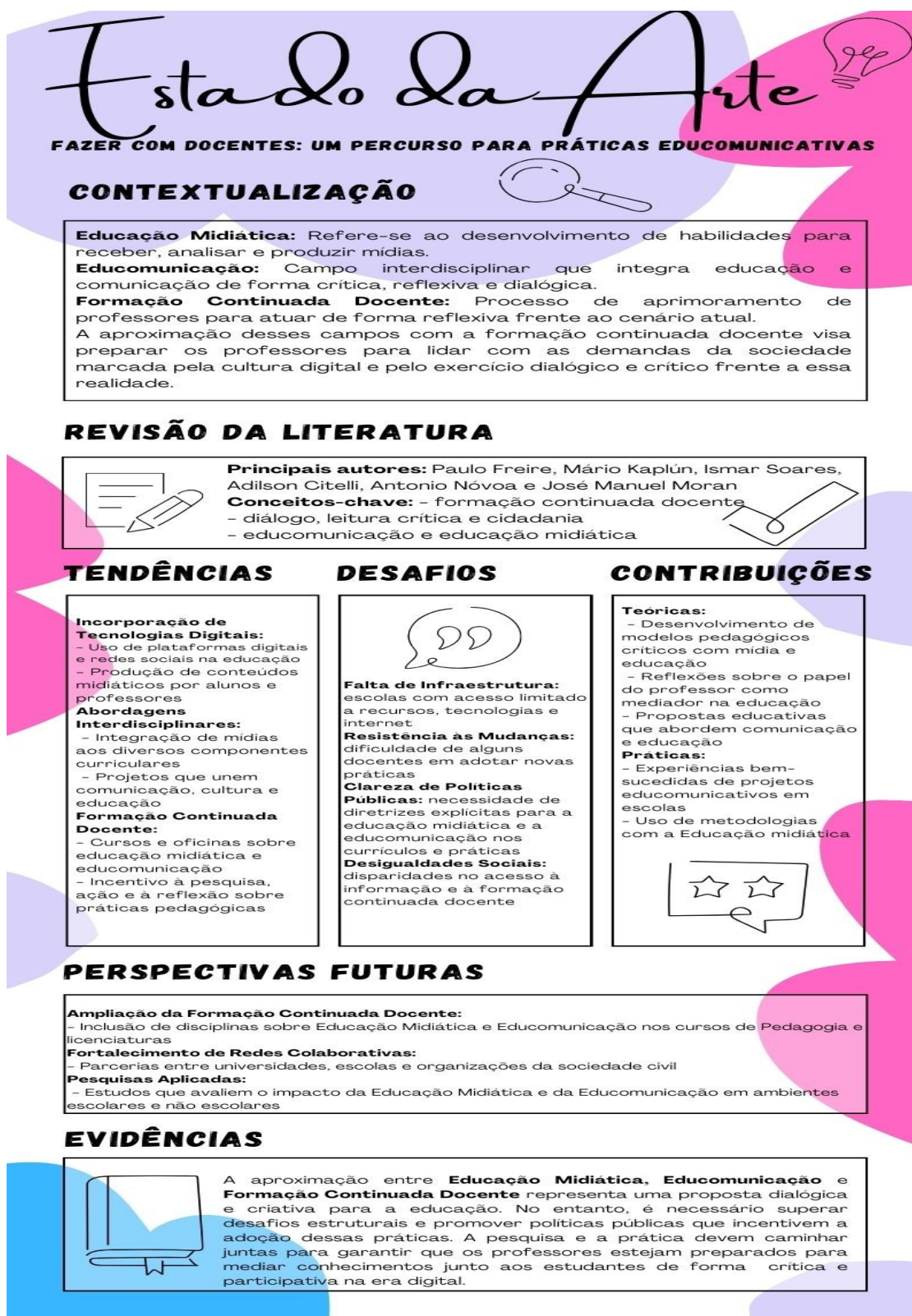
Dessa forma, a reorganização pós-pandemia oferece uma oportunidade para repensar o papel da escola e dos professores em um mundo hiperconectado, onde o diálogo e a criticidade são fundamentais para enfrentar os desafios atuais. Assim, o futuro da educação demanda uma articulação constante entre prática reflexiva, formação contínua e a integração significativa de tecnologias no processo educativo.

O Relatório MECOM (2023, p.28) ressalta que a pandemia trouxe à tona uma lacuna significativa na integração entre comunicação e educação, especialmente no que tange à formação docente. Para muitos professores, a prática pedagógica baseada em mídias foi limitada ao uso de tecnologias, sem incorporar elementos críticos e reflexivos. Isso resultou em uma abordagem reativa ao ensino remoto, na qual o uso dos artefatos digitais foi mais voltado para operacionalizar atividades escolares do que para o desenvolvimento de práticas reflexivas, significativas e contextualizadas. Assim compreendem-se as possibilidades de propor uma formação pensada junto aos docentes que correlacione a Educomunicação ao contexto midiático.

O estudo de Lacerda e Junior (2021, p.10) corrobora com essa análise ao destacar que, embora muitos professores tenham demonstrado resiliência, adaptação às novas tecnologias foi um processo desigual. O artigo evidencia que os docentes enfrentaram grandes desafios devido à falta de infraestrutura adequada, como acesso à internet de qualidade e dispositivos tecnológicos suficientes. Isso dificultou o uso de práticas pedagógicas que utilizassem tecnologias de forma interativa, criativa e engajadora. Por outro lado, em contextos mais favorecidos, muitos professores foram capazes de desenvolver experiências educativas que exploravam o potencial das mídias digitais, promovendo maior participação dos alunos e estimulando a autonomia no processo de aprendizagem.

Com base nas informações apontadas anteriormente e a dimensão dos dados pretende-se usar a revisão sistemática da literatura permitiu mapear o estado da arte, identificar lacunas na literatura e analisar de forma crítica os conceitos e teorias. Veja a Figura 6:

Figura 6 - Estado da arte da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora no CANVA a partir das referências bibliográficas da pesquisa.

Nóvoa (2022, p.21) aborda a centralidade da formação docente contínua, argumentando que o professor deve ser um eterno aprendiz diante das transformações sociais e tecnológicas e enfatiza que a formação contínua dos professores deve ser uma prioridade. E para, além disso, cita “Ninguém se integra numa profissão sozinho, isoladamente. Ninguém constrói novas práticas pedagógicas sem se apoiar numa reflexão com os colegas”.

Essa citação retoma uma reflexão freireana bastante empregada, do livro *A Pedagogia do Oprimido* no seu capítulo 2, quando afirma que: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo (2019, p. 44)”.

A relação entre mídia e educação estimula a reflexão dos cidadãos a se apropriarem dos conteúdos e pensarem nas narrativas midiáticas enquanto espaços de construção cultural e social, de acordo com Moreira et al.(2020, p.3).

Freire (2019, p.49) enfatiza a importância da comunicação dialógica como ferramenta para a emancipação dos sujeitos. Ele defende que a educação deve ser um processo de conscientização, no qual os educandos e educadores aprendem juntos, em uma relação horizontal. Essa perspectiva dialógica é central para a Educomunicação no intuito de promover a autonomia e a participação crítica dos indivíduos na sociedade.

Mario Kaplún (1998, p.45) propõe que a Educomunicação deve ser entendida como um processo de aprendizagem que integra a produção e a recepção crítica de mensagens midiáticas em *Una pedagogía de la comunicación*. Para ele, a comunicação não é apenas um instrumento de transmissão de informações, mas um espaço de diálogo e construção coletiva de conhecimento.

Um dos principais teóricos da Educomunicação no Brasil, Ismar Soares (2011, p.23), define esse campo como uma prática que integra educação e comunicação para promover a cidadania e a transformação social. Em sua obra *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*, ele destaca a importância de formar sujeitos capazes de interagir criticamente com as mídias e de utilizá-las como ferramentas de expressão e mobilização.

Adilson Citelli (2004, p.67) no título *Comunicação e Educação: a linguagem em movimento* aborda a Educação Midiática como um processo de formação para a leitura crítica dos meios de comunicação. Ele argumenta que, em uma sociedade mediada pela tecnologia, é essencial que os indivíduos desenvolvam habilidades para decodificar as mensagens midiáticas e compreender seus contextos de produção e circulação. Essa perspectiva converge com os princípios da Educomunicação, que também enfatiza a necessidade de uma leitura crítica e participativa das mídias.

Veja a Figura 7 que aponta os destaques da Educação Midiática e Educomunicação no período de 2014 a 2024:

Figura 7 - Linha do Tempo de fatos, lançamentos e publicações.



Fonte: Elaborado pela autora no CANVA a partir das referências bibliográficas da pesquisa.

Para contextualizar a **Linha de Tempo** da última década ao longo dessa seção serão citados fatos, lançamentos e publicações ao longo dos anos e os quais serão relacionados com as referências bibliográficas que compõem essa pesquisa.

Inicia-se essa Linha de Tempo em **2014** com Ismar Soares que continua consolidando a Educomunicação no Brasil como um campo de estudo, destacando-se como um dos principais autores a vincular mídia e educação no contexto brasileiro e que publica nesse ano o artigo intitulado Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre Comunicação e Educação.

É fundamental destacar a contribuição de Célestin Freinet, pedagogo francês, por ser considerado um expoente para a Educomunicação. Ele enfatizou a comunicação não apenas como mídia, mas como uma perspectiva teórica e metodológica que fundamenta seu projeto educativo e foi um dos maiores divulgadores de técnicas pedagógicas como o jornal escolar. Mesmo advindo do séc. XIX é pertinente a citação de Freinet em relação aos estudantes: “o trabalho escolar não lhes interessa porque já não se inscreve no seu mundo” (1975, p.11) pois é possível estabelecer uma analogia que se repete nas salas de aula até hoje.

O conceito de Educomunicação na América Latina está intimamente ligado às ideias de Paulo Freire, Mário Kaplún e Jesús Martín-Barbero que defendem uma abordagem crítica e emancipadora na interface entre comunicação e educação e são citados a seguir.

Kaplún a partir de sua atuação com o método *Cassete Foro*³⁶ traz uma forma de intercâmbio entre comunidades, durante a ditadura militar argentina. O teor político e dialógico da educomunicação tem estreita relação com a obra de Paulo Freire e o próprio autor disse ter o brasileiro como inspiração de acordo com Silva (2020, p.5).

Conforme Kaplún (1998, p. 25), “já não se trata só de informar e dar conhecimentos; mas, sobretudo, de convencer, de manipular, de condicionar o indivíduo, para que adote uma nova postura”. Na concepção freireana, a educação ocorre de maneira interativa, por meio do diálogo e da relação estabelecida entre os envolvidos, pois “toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um, que ensinando, aprende, outro, que aprendendo ensina” (Freire, 2002, p.28).

Nos Estados Unidos, a Educomunicação apresenta duas linhas: a educação para uma leitura crítica da mídia e a mediação tecnológica na educação. Já na América Latina, embora sejam recorrentes, principalmente por meio dos movimentos de comunicação popular, uma terceira corrente ganha relevância: a gestão da comunicação em espaços educativos, aqui compreendida “como o conjunto dos procedimentos voltados a criar o que Martín-Barbero define como ecossistemas comunicativos”, conceito que será citado por Soares (2011, p.43).

³⁶Cassete foro é um instrumento participativo e transformador desenvolvido por Mario Kaplún, que se caracteriza como um sistema intergrupal de mão dupla que visa à promoção comunitária e à educação de adultos de organizações de base – rurais e urbanas – tendo em vista uma ação popular em prol do desenvolvimento local. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0085-1.pdf> Acesso em 11 mar. 2025.

De acordo Martín-Barbero (2002, p.54), outra forma de manifestação do ecossistema comunicativo pode ser percebida através da atual dinâmica comunicacional, que ultrapassa o âmbito dos grandes meios com o surgimento de um ambiente educacional difuso e descentralizado. Soares define que a Educomunicação (2011, p.44) quando se propõe a criar e fortalecer esses ecossistemas nas escolas está se referindo “a um projeto educativo que tem como meta a qualidade dos relacionamentos” e “a legitimidade do diálogo como metodologia de ensino, aprendizagem e convivência”.

Ismar Soares é principal responsável pela sistematização do pensamento educomunicacional, as pesquisas na área remontam ao início do século XX, quando, nos Estados Unidos e em alguns países da Europa, os trabalhos com *media literacy* e *media education* ganharam força. O neologismo Educomunicação, que em princípio parece mera junção de Educação e Comunicação, na realidade, não apenas une as áreas, mas destaca de modo significativo um terceiro termo, a ação (Soares, 2011, p.11).

Soares define que a Educomunicação (2011, p.45) se propõe a criar e fortalecer esses ecossistemas nas escolas está se referindo “a um projeto educativo que tem como meta a qualidade dos relacionamentos” e “a legitimidade do diálogo como metodologia de ensino, aprendizagem e convivência”.

Nesse sentido, Citelli salienta que:

Na sociedade contemporânea, a comunicação ganhou lugar de centralidade estratégica. Ou seja, praticamente tudo o que nos circunda, incluindo aspectos materiais, emocionais e simbólicos, mantém algum nível de relação com os meios de comunicação, as linguagens e os discursos neles gerados. Os processos educativos, vetor que nos interessa neste momento, passaram a ser desafiados pelos modos singulares como a informação e o conhecimento são elaborados, distribuídos e socialmente intercambiados. Deste modo, promover educação deixou de ser, apenas, problema afeito às salas de aula, aos espaços formais escolares, passando a dizer respeito, também, ao ecossistema comunicativo. Daí as crescentes preocupações em tratar de temas como os da educação para os meios, da leitura crítica da comunicação, da alfabetização midiática e, mais recentemente, da Educomunicação. (Citelli, 2014, p.1)

Ismar de Oliveira Soares e Adilson Citelli são dois dos principais teóricos brasileiros na área da Educomunicação, e suas contribuições são fundamentais para a consolidação do conceito no Brasil. Ambos exploram a integração entre os campos da educação e da comunicação defendendo o empoderamento do sujeito por meio da participação ativa no processo comunicativo.

Citelli, Soares e Lopes (2019, p.14) complementam essa visão ao focar a mediação crítica no processo comunicacional. Defendem que a Educomunicação promove a emancipação dos indivíduos, permitindo que se apropriem criticamente dos meios de comunicação e das mensagens midiáticas. Enfatizam que a Educomunicação é um meio de promover uma leitura crítica da mídia, capacitando os cidadãos a serem mais conscientes e participativos na sociedade, reconhecendo seu papel como cocriadores da realidade social e midiática.

Ambos os autores veem a Educomunicação como uma estratégia de emancipação social e crítica. O conceito proposto por Soares e Citelli evidencia a importância de práticas comunicativas que promovam o diálogo, a autonomia e a participação ativa no processo educativo, indo além da simples instrumentalização da mídia. Eles defendem que, ao integrar comunicação e educação, é possível criar ambientes educativos que favorecem o desenvolvimento integral dos indivíduos como cidadãos críticos e ativos. Sob a perspectiva da Pedagogia Crítica de Freire, promover a aprendizagem significativa através da problematização e da reflexão crítica sobre a realidade, além de promover empoderamento e transformação social.

Jenkins, Ito e Boyd (2015, p.10) em sua obra *Participatory Culture in a Networked Era*, expande a discussão sobre a cultura participativa, abordando o papel das mídias digitais na transformação das formas de comunicação e educação. Nesse sentido, explorar como os professores podem usar essas mídias para fomentar práticas colaborativas e engajamento crítico torna-se fundamental no processo educativo.

2016 é o ano de publicação pela UNESCO do documento nomeado Alfabetização midiática e informacional: diretrizes para a formulação de políticas e estratégias³⁷, na busca de promover a Educação Midiática e Informacional (EMI) como uma competência essencial para o século XXI que busca integrar a EMI às políticas educacionais globais, destacando a necessidade de formar professores e cidadãos críticos.

Logo, aproximar os conceitos da Educação Midiática e da Educomunicação com a perspectiva de contribuir na formação docente continuada, problematizando, dialogando com

³⁷ Documento Alfabetização midiática e informacional: diretrizes para a formulação de políticas e estratégias – Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000246421> . Acesso em 18 fev. 2024.

docentes, pode permitir que além dos estudantes, a comunidade escolar também possa encontrar junto a esses, possibilidades de dialogar, criticar e colaborar com o espaço da escola.

Em **2017**, Renee Hobbs lança o livro *Create to Learn: Introduction to Digital Literacy*, uma obra que sublinha a importância de professores e alunos aprenderem a criar conteúdos midiáticos como parte da educação digital. Hobbs argumenta que a produção midiática é uma ferramenta pedagógica poderosa para promover a criatividade.

No mesmo ano, David Buckingham, em sua obra *The Media Education Manifesto*, continua a defender a educação midiática como parte crucial de um currículo educacional contemporâneo, insistindo que a literacia midiática deve ser central para a formação de cidadãos capazes de navegar no ambiente de mídia digital.

A Base Nacional Comum Curricular colocada em consulta pública é votada e publicada em **2018** e começa a ser utilizada nas escolas brasileiras além de sinalizar a importância de:

Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo. (Competência 3 de Língua Portuguesa, p. 89)

Embora não nomeie explicitamente a Educomunicação e a Educação Midiática, o documento destaca a necessidade de desenvolver nos estudantes habilidades que vão além da decodificação e coadunam com a proposta dessa pesquisa.

Assim em **2019** o Instituto Palavra Aberta, através do programa Educamídia³⁸, inicia projetos de formação para professores, voltados à alfabetização midiática que ganham relevância ao lidar com o consumo responsável de mídias.

A Educação Midiática definida como a capacidade de acessar, analisar, avaliar e criar mensagens em uma variedade de formatos midiáticos traz esses pontos citados pelo Instituto Palavra Aberta, em suas formações do Programa Educamídia. O conceito definido no início do século XX tem evoluído com as mudanças nas tecnologias, mídia e cultura popular. Seu objetivo principal é

³⁸ EDUCAMÍDIA – Disponível em: <https://www.palavraaberta.org.br/atuacao/programa-educamidia>. Acesso em 11 mar. 2024.

capacitar os indivíduos a serem consumidores e produtores ativos de mídia em uma sociedade saturada de informações (Hobbs, 2020, p.16).

Kellner & Share publicam trabalhos que enfatizam a importância da literacia crítica da mídia, chamando a atenção para o crescente problema da desinformação e a necessidade de formar professores para lidar com esse desafio. O foco está na leitura crítica e na produção de conteúdos midiáticos com responsabilidade.

David Buckingham revisa e republica *The Media Education Manifesto*, reforçando sua crítica sobre a falta de educação midiática nas escolas e a importância de preparar professores para enfrentar os desafios colocados pelas mídias digitais. Obra essa publicada em 2019 e lançada no Brasil pelo SESC em 2022.

Percebe-se uma convergência para o trabalho com uso das mídias digitais que avançam juntamente com a democratização das redes sociais e Renee Hobbs publica *Mind Over Media: Propaganda Education for a Digital Age*, onde explora como professores podem ensinar alunos a identificar e analisar propaganda na mídia digital, uma questão crítica em tempos de desinformação global.

A pandemia de COVID-19 acelera a transformação digital nas escolas em **2020**. A Educação Midiática ganha mais visibilidade, já que o ensino remoto depende fortemente das tecnologias digitais. Isso é notado na pesquisa pela incidência de artigos, teses e dissertações acerca do tema. Este contexto traz à tona a necessidade de aprimorar a competência digital dos professores e a mediação no trabalho pedagógico com os estudantes para lidar com o uso da mídia e das tecnologias na sala de aula.

Diante de tantos desafios sociais, políticos, econômicos que se tornaram mais críticos com o contexto pandêmico, a UNESCO publica em **2021** o documento *Media and Information Literacy: Reinforcing Human Rights, Countering Disinformation and Promoting Sustainable Development*, destacando a educação midiática como uma ferramenta para a promoção dos direitos humanos e o combate à desinformação, temas que se tornam cada vez mais urgentes diante de um cenário de pandemia em que se questiona a Ciência e divulgam-se de forma intensa informações não verificadas. Vale salientar o trecho do documento:

A UNESCO confia que é um ponto de referência relevante para iniciar a discussão e oferecer perspectivas às partes interessadas que buscam aplicar a alfabetização midiática como uma ferramenta para combater o extremismo violento. Há uma necessidade evidente de pesquisa, avaliação e avaliação baseadas em evidências que possam fornecer insights sobre o impacto da alfabetização midiática e informacional nas sociedades. (UNESCO, 2021)

Em seguida, **2022** traz a publicação do *Digital News Report*, mostrando que apenas 20% das pessoas são capazes de verificar a veracidade das notícias que consomem online, sem a ajuda de fontes externas. Esse dado reforça a urgência de integrar a educação midiática em larga escala, especialmente na formação de professores.

No mesmo ano, Jenkins aponta em seu livro *Cultura de Convergência* que:

A convergência das mídias é mais do que apenas uma mudança tecnológica. A convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento. Lembrem-se disto: a convergência refere-se a um processo, não a um ponto final. (Jenkins, 2022, p.41)

Cabe ainda citar as contribuições de José Manuel Moran e Antonio Nóvoa que corroboram com a utilização das tecnologias para que o estudante tenha uma aprendizagem mais ativa e destacam a importância da formação dos professores nesse processo. Nóvoa (2022) com a publicação de *Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar* traz propostas aplicáveis nesse processo e Moran (2025) em seu mais recente artigo, aponta a abordagem da Inteligência artificial de forma intencional para ações pedagógicas. Assunto esse que não será desenvolvido nessa pesquisa, mas que é alvo para futuras investigações.

O Brasil realiza em **2023**, a 1ª. Semana de Educação Midiática e a Estratégia Brasileira de Educação Midiática (EBEM, 2023), documento que reúne um conjunto de iniciativas desenvolvidas pelo Governo Federal para a promoção da educação para as mídias da população brasileira. Evidencia-se nesse documento o trecho:

É certo que a educação midiática não se limita à compreensão e participação crítica no ambiente digital, estando relacionada também com produtos de mídia de revistas e jornais impressos, conteúdos televisivos, entre outros. Todas as mídias devem ser consideradas nos processos educativos, especialmente aquelas que atravessam concretamente as vivências dos sujeitos envolvidos. Os desafios que a transformação digital representa também devem ser tratados a partir das realidades concretas, sendo o enfoque nas mídias digitais uma decorrência da enorme presença que hoje as novas tecnologias de comunicação, em constante transformação, assumiram nas relações sociais e no cotidiano das pessoas. (EBEM, 2023, p.10)

A Educação Midiática se consolida como uma prática global em **2024**, com diversos países integrando-a formalmente aos currículos escolares. A ONU e a UNESCO seguem promovendo

conferências globais que reforçam a importância do trabalho com esse campo como uma habilidade crucial para o século XXI.

Sob o paradigma educomunicativo, a Educação Midiática promove a reconfiguração da relação entre educação e comunicação e visa fomentar uma participação social ativa, uma vez que se dá relevo ao processo comunicativo prioritariamente cultural, secundarizando as questões do meio de comunicação. Assim, a comunicação por esse direcionamento deixa de ser observada apenas como mero código, linguagem a ser decodificada, para ser assumida como fenômeno essencialmente humano e político em que os agentes interativos exercem práticas de negociação de sentidos que interferem diretamente nas formas de construção de si e em suas práticas no mundo. (Cortes; Martins; Souza, 2018, p.36).

Essa convergência é essencial para o desenvolvimento de uma cidadania segundo Pérez & Pulido (2014, p. 132) onde os indivíduos não são apenas receptores passivos de informações, mas também cocriadores de sentidos e significados, o que fortalece o papel da mídia na construção de uma sociedade democrática.

A 2ª Semana Brasileira de Educação Midiática realizada entre 29 de outubro e 1º de novembro de 2024, e a aprovação do Projeto de Lei nº 1010/2025 (ainda não publicado) representam marcos significativos na consolidação de políticas públicas voltadas à formação crítica e cidadã no ambiente digital. A 2ª Semana, organizada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência (Secom) em parceria com o Ministério da Educação e a UNESCO promoveu debates sobre integridade informacional, mudanças climáticas, direitos digitais e práticas pedagógicas por meio de planos de aula gratuitos e webinários internacionais.

Paralelamente, o Projeto de Lei (PL) 1010/2025 propõe a inclusão obrigatória da educação midiática e digital nos currículos do ensino básico, público e privado, visando combater desinformação, discursos de ódio e riscos digitais por meio do desenvolvimento do pensamento crítico e da ética digital.

A sinergia entre esses dois movimentos evidencia uma estratégia integrada de política pública: enquanto a Semana atua como espaço de mobilização e difusão de conhecimento, o PL 1010/2025 institucionaliza tais práticas, estabelecendo diretrizes nacionais que incluem formação docente, conectividade escolar e transversalidade curricular.

Essa articulação reflete a compreensão de que a Educação midiática não se limita a habilidades técnicas, mas envolve a construção de uma cultura democrática e plural. Sob essa perspectiva não fica evidente no texto, porém percebe-se de forma intencional a Educomunicação, enraizada nas bases de Freire (1994, p.77): “se os homens são seres do que fazer, é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo”.

A lente freireana confere sentido crítico à linha do tempo apresentada, como também reforça a relevância de se conceber práticas educomunicativas em diferentes contextos midiáticos não como meras estratégias, mas como práxis político-pedagógica comprometida com a emancipação e a construção de uma comunicação democrática, influenciando a aprendizagem conforme Chiappe; Amado; Leguizamón (2020, p.36).

3 LEGISLAÇÃO, ANÁLISES E PROBLEMATIZAÇÕES

O período entre 2014 e 2024 foi marcado por avanços significativos da Educação Midiática em políticas públicas e documentos legais e a aproximação com a Educomunicação tanto no Brasil quanto em nível internacional, como foi percebido na seção anterior.

Esta seção abordará as principais contribuições legais, destacando documentos, legislações e bases que consolidaram a Educação Midiática como um elemento importante na formação pedagógica, assim como sua aproximação com a Educomunicação. De forma imediata, percebe-se que os termos: Educomunicação e Educação Midiática não são citados diretamente nos documentos oficiais brasileiros, no entanto suas referências são explícitas.

A Educomunicação, enquanto campo interdisciplinar que articula educação e comunicação encontra raízes profundas na América Latina. Para Martín-Barbero a comunicação não se resume a um mero instrumento técnico, mas constitui-se como um espaço de mediação cultural, onde se negociam sentidos e identidades. O autor afirma que "a comunicação é um processo de produção social de sentidos que atravessa todas as práticas culturais" (1987, p. 23), enfatizando a necessidade de compreender os contextos culturais nos quais os sujeitos estão inseridos. Essa perspectiva ressalta a importância de decodificar as estruturas de poder imbricadas nas narrativas midiáticas, alinhando-se à proposta de uma pedagogia emancipatória.

Mario Kaplún (1998), por sua vez, amplia o debate ao propor um modelo educ comunicativo baseado na participação e na horizontalidade, defende que "a verdadeira comunicação não é a que emite mensagens, mas a que gera diálogo" (1998, p. 45), inspirando práticas educativas que valorizem a voz dos educandos. Kaplún enfatiza a criação de processos comunicativos dialógicos, nos quais os participantes são coautores de conhecimento, rompendo com a lógica verticalizada do ensino tradicional. Essa abordagem ecoa os princípios freireanos, reforçando a educação como prática de liberdade.

A interseção entre essas contribuições e o pensamento de Paulo Freire é evidente. Freire já destacava a comunicação como elemento central para a construção de uma consciência crítica, argumentando que "a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores" (2019, p. 81).

Nesse sentido, a Educomunicação latino-americana herda a pedagogia freireana, transpondo-a para o contexto das mídias e das tecnologias contemporâneas. Complementarmente, Ismar de Oliveira Soares (2011, p.34) consolida esse diálogo ao definir a educomunicação como um campo que integra a educação para a comunicação com a gestão democrática dos recursos midiáticos, articulando teoria e prática em prol da cidadania ativa.

Assim, a Educomunicação latino-americana não é apenas uma metodologia, mas um projeto político-pedagógico comprometido com a transformação social. Ao unir a crítica cultural, o diálogo participativo e a gestão democrática, esses autores oferecem um arcabouço teórico capaz de enfrentar os desafios impostos pela sociedade midiaticizada, reafirmando o potencial libertador da educação quando aliada à comunicação.

Dessa forma também a pesquisa nos apresenta muitos questionamentos acerca da proposição de aproximar Educomunicação e Educação Midiática como base para uma proposta de formação continuada docente:

- Formar professores para usar tecnologias ou para transformar realidades? (Belloni, 2012, p. 67)
- É possível uma educomunicação que não seja cúmplice da monocultura do algoritmo? (Santos & Meneses, 2018, p. 89)
- Como construir ecologias de aprendizagem que valorizem saberes midiáticos sem romantizar o populismo digital? (Fantin & Rivoltella, 2012, p. 102)
- Quem controla o código controla o currículo? (Santaella, 2020, p. 89)
- É possível uma educação midiática anticapitalista em ecossistemas controlados por Big Techs? (Srnicek, 2017, p. 143).

Para essa pesquisa pretende-se entender como a aproximação entre a Educação Midiática e a Educomunicação podem corroborar com a Formação continuada docente conforme cita Ferreira (2024, p. 23):

A partir das mídias, é possível exercer plenamente a cidadania. Na escola, podemos incentivar que estudantes expressem descobertas sobre temas conectados às suas realidades e necessidades, contribuindo, dessa forma, para informar pessoas de sua comunidade, engajá-las em discussões sociais, mobilizando-as a também agir em torno da melhoria de um lugar. (...) Nesse contexto, criam produtos midiáticos, como campanhas de sensibilização, telejornais e podcasts não exatamente para expressar de forma criativa um conteúdo do currículo, mas para contribuir com a comunidade a partir do exercício da comunicação.

A escola sempre foi competente para ensinar a ler e escrever textos escritos, predominantemente, presentes nos livros didáticos e literários. No contexto das tecnologias digitais e das mídias sociais é urgente que se amplie o escopo das habilidades necessárias para a leitura de um mundo cada vez mais complexo e exigente, de modo a contribuir na formação dos (as) estudantes para uma atuação cidadã e responsável. Para Cortez, Martins e Souza (2018, p.2):

Ainda que pareça consensual o entendimento de que as percepções culturais da sociedade em sua fase digital organizam-se cada vez mais a partir das mídias e que elas cumprem a função de mediadoras entre os atores sociais e a cultura, (re) configurando as possibilidades de interações coletivas, não é descartável a necessidade urgente de a educação enfatizar a importância das transformações socioculturais promovidas pelas tecnologias.

Recentemente, o avanço das tecnologias digitais e o crescimento exponencial do consumo de mídias impuseram novas demandas educacionais, destacando a necessidade de uma educação que desenvolva o diálogo e a criticidade no vasto universo informacional, como aponta Kenski:

Ao acordarmos a cada manhã para um novo dia, nossos smartphones recebem notificações diversas com milhares de informações (...); em “tempo real” nos fazem despertar para um novo mundo onde devemos estar incluídos para não sermos analfabetos digitais. “A evolução tecnológica não se restringe apenas aos novos usos de equipamentos e produtos, ela altera comportamentos” (2012, p.21).

Desde 2014, a UNESCO tem sido uma das principais forças motrizes na promoção da Educação Midiática e Informacional conforme citado anteriormente como uma competência essencial para a cidadania no século XXI. A organização defende que as habilidades de lidar com a mídia são fundamentais para o exercício da democracia e para o desenvolvimento de uma sociedade crítica e engajada. Um dos documentos mais importantes desse período é o *Media and Information Literacy: Policy and Strategy Guidelines* (UNESCO, 2013), que delineia as estratégias para a desenvolvimento de programas de Educação Midiática em diversas regiões do mundo, incentivando os governos a incluí-la nos currículos escolares e na formação de professores.

Em 2021, a UNESCO publicou o documento *Media and Information Literacy: Reinforcing Human Rights, Countering Disinformation and Promoting Sustainable Development* (UNESCO, 2021), que reforça o papel da Educação Midiática como um artefato de promoção dos direitos humanos, combate à desinformação e estímulo ao desenvolvimento sustentável. Nesse período, a crescente proliferação de notícias falsas e a manipulação algorítmica de informações evidenciaram ainda mais a importância de políticas públicas que fomentem a literacia midiática.

A COMISSÃO EUROPEIA também desempenhou um papel fundamental na promoção da Educação Midiática, quando em 2018 publicou o relatório *A multi-dimensional approach to Disinformation* que aponta que embora necessárias, essas ações por si só não seriam suficientes para "diluir" a desinformação com conteúdo confiável tornado mais visível online. Medidas adicionais destinadas a fortalecer a resiliência social em longo prazo precisam ser desenvolvidas em paralelo. Essas medidas são projetadas para apoiar a diversidade e a sustentabilidade do ecossistema da mídia de notícias, por um lado. Por outro lado, elas são projetadas para desenvolver iniciativas apropriadas no campo da alfabetização midiática e informacional para promover uma abordagem crítica e um comportamento responsável entre todos os cidadãos europeus.

No Brasil, o tema das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação tem tido espaço nas discussões das políticas públicas. Um exemplo é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), elaborada entre 2015 e 2018, que inclui uma referência em seu texto na competência 6 específica de Linguagens³⁹:

Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos. (BNCC, 2018)

Além de citar que as práticas de linguagem, propõem novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir. Assim não só é possível acessar conteúdos variados em diferentes mídias, como também produzir e publicar fotos, vídeos diversos, podcasts, infográficos, enciclopédias colaborativas, revistas e livros digitais etc.

Igualmente, foi aprovada a Política Nacional de Educação Digital (PNED, 2023)⁴⁰, que propôs no artigo 2º conforme descrito a seguir:

O eixo da inclusão digital deverá ser desenvolvido, dentro dos limites orçamentários e no âmbito de competência de cada órgão governamental envolvido, de acordo com as seguintes estratégias prioritárias:

- I - promoção de competências digitais e informacionais por intermédio de ações que visem a sensibilizar os cidadãos brasileiros para a importância das competências digitais, midiáticas e informacionais;
- II - promoção de ferramentas on-line de autodiagnóstico de competências digitais, midiáticas e informacionais;

³⁹. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf . Acesso em 28/02/2025.

⁴⁰ Lei 14.533 de 11/01/2023 que institui a Política Nacional de Educação Digital (PNED). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/14533.htm . Acesso em 28/02/2025.

- III - treinamento de competências digitais, midiáticas e informacionais, incluídos os grupos de cidadãos mais vulneráveis;
- IV - facilitação ao desenvolvimento e ao acesso a plataformas e repositórios de recursos digitais;
- V - promoção de processos de certificação em competências digitais;
- VI - implantação e integração de infraestrutura de conectividade para fins educacionais, que compreendem universalização da conectividade da escola à internet de alta velocidade e com equipamentos adequados para acesso à internet nos ambientes educacionais e fomento ao ecossistema de conteúdo educacional digital, bem como promoção de política de dados, inclusive de acesso móvel para professores e estudantes. (PNED, 2023)

O documento aprovado, mas ainda não publicado do PL 1010/2025 sobre a Educação Midiática como política pública, traz em seu artigo 5º:

A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida do seguinte art. 26-C: A educação midiática e digital, de caráter transversal, é obrigatória nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados. Parágrafo único. O atendimento ao disposto no caput inclui a adoção de práticas e estratégias didático-pedagógicas que estimulem a capacidade crítica e a curiosidade investigativa de crianças, jovens e adultos no sentido de identificarem e avaliarem notícias e conteúdos enganosos e sua disseminação.

No Brasil, a Base Nacional Comum Curricular cita em sua Competência 5, que trata do uso das tecnologias digitais de forma crítica, ética e reflexiva, apontando a necessidade de os alunos saberem "compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais" (2018, p. 11).

Destaca-se ainda a abordagem no texto introdutório do Ensino Fundamental, destaca:

Há que se considerar, ainda, que a cultura digital tem promovido mudanças sociais significativas nas sociedades contemporâneas. Em decorrência do avanço e da multiplicação das tecnologias de informação e comunicação e do crescente acesso a elas pela maior disponibilidade de computadores, telefones celulares, tablets e afins, os estudantes estão dinamicamente inseridos nessa cultura, não somente como consumidores (...). É importante que a instituição escolar preserve seu compromisso de estimular a reflexão e a análise aprofundada e contribua para o desenvolvimento, no estudante, de uma atitude crítica em relação ao conteúdo e à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais. (2018, p.63)

Embora a Educomunicação e a Educação Midiática não sejam explicitamente nomeadas na Base, seus princípios estão presentes na ideia de que os estudantes devem não apenas consumir, mas também produzir conteúdos, desenvolvendo uma compreensão crítica sobre os meios de comunicação. Esse avanço legal abriu espaço para que os campos fossem integrados em projetos pedagógicos e planejamentos, estabelecendo o uso da mídia como artefato essencial.

Além da BNCC, o Brasil contou com iniciativas importantes para o fortalecimento da Educação Midiática na formação de professores, como o programa EDUCAMÍDIA, do Instituto Palavra Aberta. A iniciativa é uma resposta direta às demandas que tratam da desinformação e do uso

responsável das tecnologias, apresentando de forma precisa a inter-relação entre a educação e o jornalismo, conforme cita Ferreira (2022, p.17).

A EBEM traçou metas mais definidas acerca da proposta do trabalho no país com Educação Midiática. Cabe destacar aqui o trecho:

Historicamente, a expressão ‘educação midiática’ tem sido empregada, ao lado de outros termos como ‘educomunicação’, ‘mídia-educação’ e ‘alfabetização midiática’, para designar um conjunto de movimentos (ou práticas específicas dentro desse conjunto) que fazem uso de estratégias e ferramentas multidisciplinares cujo primeiro desafio se estabelece justamente em sua definição, sendo possível, porém, pontuar algumas características comuns às diferentes abordagens. (...) Nesse contexto, a estratégia de educação midiática toma como uma de suas referências conceituais o campo histórico estabelecido na interface entre educação e comunicação, que tem a participação crítica como eixo central: a educomunicação. (EBEM, 2023)

Na intenção de corroborar com essa proposta principalmente no período pós-pandêmico, a formação de professores continua sendo um grande desafio assim como a oportunidade de aproximação da Educomunicação e da Educação Midiática. Para que seja efetivamente um dos braços de formação docente, é necessário continuar investindo em políticas públicas e iniciativas que dialoguem, reflitam e promovam todos os envolvidos na escola a navegar e ensinar criticamente sobre cultura digital.

4 ORIENTAÇÕES DE PRINCÍPIOS DO FAZER COM DOCENTES

As seções anteriores delinearão o contexto contemporâneo da Educomunicação e da Educação Midiática, especialmente no cenário pós-pandemia da COVID-19, momento em que as tecnologias digitais se tornaram ainda mais centrais nas práticas pedagógicas e nas dinâmicas sociais. Esse panorama evidenciou tanto o potencial emancipador quanto os desafios críticos associados ao uso das mídias no ambiente educacional. Diante disso, torna-se necessário refletir sobre os impactos da midiática da vida cotidiana e os novos papéis atribuídos à escola, aos professores e aos próprios estudantes em processos formativos mediados por tecnologias.

Nesse sentido, a proposta apresentada na Seção 4 elaborada pela autora da pesquisa, fundamenta-se em práticas dialógicas e participativas, com o objetivo de fomentar uma cultura escolar pautada na reflexão crítica, criativa e colaborativa sobre os usos das mídias e tecnologias. É percebido que a diretriz da pesquisadora se dá prioritariamente pela Educomunicação, pois a mesma coaduna de forma sistemática com os princípios freireanos apresentados pela autora além de mostrar-se coerente com a ideia de “fazer juntos”.

Tal abordagem pretende ser elaborada em diálogo com os docentes e se propõe a ser responsiva aos múltiplos desafios vivenciados no cotidiano educacional. Mais do que incorporar artefatos digitais, busca-se promover uma educação que articule saberes pedagógicos, comunicacionais e éticos, favorecendo a formação de sujeitos capazes de compreender, produzir e intervir de forma consciente e responsável na sociedade midiaticizada.

Com esse propósito, Pretto destaca (2017, p.126) “mais do que isso: o espaço da discussão, da crítica, da sistematização desse conjunto de informações tem de ser dentro da escola. O professor, para fazer isso, tem de estar preparado (...) ser bem informado e bem pago”.

Assim também traduz Moran (2015, p.10):

O papel do professor é mais o de curador e de orientador. Curador, que escolhe o que é relevante entre tanta informação disponível e ajuda a que os alunos encontrem sentido no mosaico de materiais e atividades disponíveis. Curador, no sentido também de cuidador: ele cuida de cada um, dá apoio, acolhe, estimula, valoriza, orienta e inspira. Orienta a classe, os grupos e a cada aluno. Ele tem que ser competente intelectualmente, afetivamente e gerencialmente (gestor de aprendizagens múltiplas e complexas). Isso exige profissionais melhor preparados, remunerados, valorizados. Infelizmente não é o que acontece na maioria das instituições educacionais.

A análise crítica das práticas docentes durante e após a pandemia revela a importância de se pensar a formação de professores de forma universal. O uso efetivo das tecnologias no ensino não pode se limitar ao domínio técnico de artefatos, mas deve incorporar uma visão crítica e reflexiva sobre como essas mídias podem transformar o processo pedagógico. Nesse sentido, é imprescindível

que políticas públicas de formação docente priorizem o desenvolvimento de competências midiáticas e comunicacionais, como sugerido pelo Relatório MECOM (2023, p.33). Isso não apenas qualificaria o uso das tecnologias, mas também fomentaria uma educação mais inclusiva e engajada, capaz de responder aos desafios contemporâneos e voltada às melhorias em relação à condição do trabalho dos professores.

Assim é pertinente citar a contribuição de Teles:

A incorporação das mídias e tecnologias na formação docente não pode reduzir-se à instrumentalização técnica; exige-se uma hipertextualidade curricular que articule teoria, prática e contextos sociopolíticos, sob pena de perpetuar dicotomias entre o discurso pedagógico emancipatório e a reprodução acrítica de modelos coloniais (2020, p. 145).

Ainda em Teles no capítulo 5 (2020), pode-se verificar uma proposta de redesenho curricular com foco na continuidade o que contribui com a proposta dessa pesquisa, pois a sugestão de um *design* didático baseado no imbricamento⁴¹ entre campos de conhecimento corrobora com as ideias e ainda reitera a proposição de formação continuada docente.

É essencial que essa formação seja contextualizada nas realidades locais dos professores, considerando as especificidades de cada região e escola. Como apontado pela UNICEF (2021), a pandemia evidenciou que os professores em comunidades mais vulneráveis precisam de suporte contínuo para superar as limitações estruturais que dificultam o uso adequado das tecnologias.

Também nessa linha de análise e reflexão, Cunha e Santos (2021, p. 267) afirmam que: a construção de sentido realizada pelo indivíduo, em diálogo com o contexto em que está inserido e mediado por diferentes fatores, constitui um elemento central para a compreensão desse processo.

Para além desse contexto, apresenta Franco (2018, p. 3):

Como podemos ajudar estas novas gerações a quebrar o presentismo, a compreender a relação entre o tempo presente e o conhecimento acumulado pelos antepassados de múltiplas culturas e a pensar na sua responsabilidade neste mundo em que vivem, para além do aqui e agora?

E ainda por Franco (2018, p.7) quando aponta Sacristán e suas contribuições acerca da tradição nutriente permitem refletir nesse sentido quando trata das tradições nutrientes como são metabolizadas - para manter a analogia biológica do autor Sacristán (2001, p.112) no presente para que revisitadas, possam renovar seu potencial para dar sentido às práticas educativas. Dessa forma

⁴¹ Imbricamento é dispor ou ficar disposto do mesmo modo que as telhas de um telhado; sobrepor; estar ou ficar com ligação estreita a interligar. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/imbricamento> . Acesso em: 03 mai. 2025.

entende-se que as tradições só se tornam válidas se alimentarem criticamente a prática pedagógica atual.

A tradição nutrente é um convite a não jogar fora o passado, mas reinterpretá-lo para enfrentar desafios atuais, como a desinformação digital. Freire e Moran oferecem as lentes para essa releitura, tornando-a útil para a formação com professores:

Freire apontava a educação como um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não temer o debate, nem fugir à discussão criadora (2019, p.51).

Para tal finalidade, Moran (2015, p.27) aponta que o desafio da educação não está em escolher entre o humano e o digital, mas em orquestra-los de forma criativa. É construir ecossistemas que preservem a essência da aprendizagem e incorporem linguagens de novas mídias. Isso exige autoria crítica: capacidade de selecionar, adaptar e ressignificar tecnologias, não para fim em si mesmo. A verdadeira educação promove interação, colaboração e criação midiática redesenhando experiências de aprendizagem.

A formação pensada junto aos docentes balizada pela tradição nutrente propõe dessa forma resgatar princípios pedagógicos essenciais como o diálogo freireano em novas linguagens midiáticas.

Para que as práticas educomunicativas se consolidem, é necessário garantir acesso equitativo aos artefatos digitais, bem como promover uma formação contínua que seja pensada junto aos professores e promova o estímulo para usar as mídias de maneira crítica e transformadora.

A pesquisa de Costa (2018, p.60) oferece um panorama empírico dessa integração, ao comparar as políticas de Educação Midiática e Educomunicação nas redes municipais do Rio de Janeiro e São Paulo. Seu estudo demonstra que, enquanto São Paulo adotou a Educomunicação como paradigma, vinculando-a a núcleos especializados e à licenciatura na USP⁴² e o Rio de Janeiro priorizou a Mídia-educação, com foco na produção de materiais didáticos pela MultiRio⁴³. Apesar das diferenças, Costa identifica sinergias: ambas as redes reconhecem a importância de desenvolver fundamentos específicos para a Educação midiática, capacitando professores para usar mídias não

⁴² USP – Disponível em: <https://www.eca.usp.br/> Acesso em 7 mai. 2025.

⁴³ MultiRio – Disponível em: <https://www.multirio.rj.gov.br/> Acesso em 7 mai. 2025.

apenas como recursos, mas como objetos de análise crítica e espaços de expressão estudantil. Essas experiências evidenciam que a formação docente deve transcender a instrumentalização técnica, incorporando dimensões éticas e políticas.

A aproximação entre Educomunicação e Educação Midiática aponta para uma possibilidade que articule os princípios do saber e saber fazer com os sujeitos criticamente:

- Criticidade midiática: capacitação para decodificar mensagens, identificar vieses e contextualizar informações, alinhada às diretrizes da UNESCO e da BNCC;
- Protagonismo discente: estímulo à autoria coletiva, como propõe a Educomunicação, usando mídias para que estudantes se tornem produtores de conhecimento, não apenas consumidores;
- Políticas públicas estruturantes: institucionalização de núcleos especializados e currículos que integrem comunicação e educação.

Em suma, Educomunicação e Educação Midiática na formação continuada docente podem contribuir com o ser sujeito no século XXI, mas como aponta Soares ao se referir ao artigo da Carta Capital de Martins (2014), a comunicação é um direito humano fundamental. Essa abordagem faz da sala de aula, um laboratório de democracia, onde professores e estudantes coautoriam processos educativos capazes de enfrentar os desafios éticos e tecnológicos de nosso tempo.

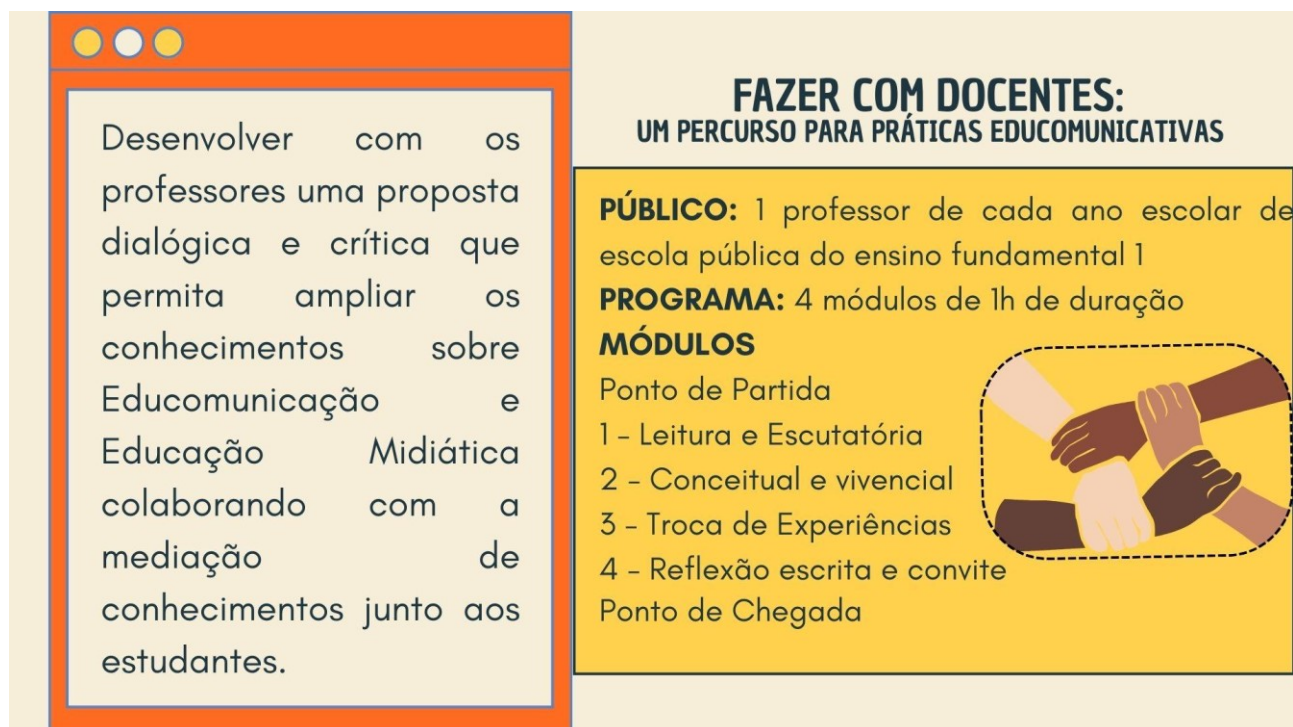
A escolha pela concepção de docência como mediação de conhecimento é fundamentada em uma visão de educação que valoriza a construção ativa do saber, a interação social e o compromisso com a formação integral do estudante. Essa concepção destaca o professor reflexivo e em busca de constante transformação, de acordo com Nóvoa (2009, p. 23).

Reiterado por Fantin, 2011 apud Moreira et al. 2021, p. 4:

A leitura crítica de mídia inclui práticas como observatórios de mídia e imprensa, que debatem e pensam criticamente sobre o trabalho jornalístico em circulação nos veículos de comunicação. Em educação midiática, há um maior foco na educação para a leitura das mídias, ainda que essa ideia não esteja dissociada da noção de leitura crítica, analítica ou reflexiva. Nesse caso, porém, pode-se pensar mais propriamente nas atividades desenvolvidas em sala de aula, por exemplo.

Observe a Figura 8 a seguir que apresenta um esboço inicial da proposta:

Figura 8 - Proposta de formação com professores



Desenvolver com os professores uma proposta dialógica e crítica que permita ampliar os conhecimentos sobre Educomunicação e Educação Midiática colaborando com a mediação de conhecimentos junto aos estudantes.

FAZER COM DOCENTES:
UM PERCURSO PARA PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS

PÚBLICO: 1 professor de cada ano escolar de escola pública do ensino fundamental 1


PROGRAMA: 4 módulos de 1h de duração

MÓDULOS

Ponto de Partida

- 1 - Leitura e Escutatória
- 2 - Conceitual e vivencial
- 3 - Troca de Experiências
- 4 - Reflexão escrita e convite

Ponto de Chegada



Fonte: Elaborado pela autora no CANVA a partir das referências bibliográficas da pesquisa.

A intenção é que a proposta de formação seja apresentada na instituição escolar por meio de uma sensibilização acerca da temática para que a partir daí seja apresentada a intenção clara de participação de **1 profissional de cada ano** (o que a princípio como a ideia é para o Ensino Fundamental 1 – seriam 5 profissionais). A partir daí cada instituição vai solicitar o preenchimento de um **diagnóstico** (conforme a Figura 9) como Ponto de Partida para a formação, de acordo com o interesse de participação de cada profissional.

É importante que a proposta seja validada junto à Secretaria de Educação do município ou Superintendência de Ensino do estado, para que essas ou uma instituição parceira possam integrar a equipe realizadora para garantir a certificação da formação e a possibilidade de uma futura ampliação da proposta junto aos professores participantes na qual esses profissionais poderiam atuar como monitores ou multiplicadores da ação.

O formato dos módulos será decidido junto aos professores:

- presencial ou virtual;
- tempo de desenvolvimento de cada módulo;

- fusão ou desmembramento dos módulos conforme interesse dos participantes;
- horário mais viável a realização dos módulos;
- concomitante nas 2 redes de ensino ou em momentos diferenciados;
- aprovação dessa proposta ou sugestão de uma reestrutura desde que coerente em relação aos objetivos iniciais da pesquisa.

A proposta tem como base os documentos e as referências estudadas e pretende ser contemporizada de acordo com a realidade de cada rede, escola e grupo de professores.

Figura 9 – Diagnóstico de professores que antecede a formação.

FAZER COM DOCENTES:
UM PERCURSO PARA PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS

PONTO DE PARTIDA

Nome:
Celular:
E-mail:
Ano escolar de atuação:
Por que escolheu ser professor(a)?

Conte-nos sobre você: (escolha o recurso ou artefato que quiser para apresentar-se)

O que você entende por:

1 - EDUCAÇÃO MUDIÁTICA?

2 - EDUCOMUNICAÇÃO?

Fonte: Elaborado pela autora no CANVA a partir das referências bibliográficas da pesquisa.

Ponto de partida

Objetivo: Avaliar o nível de conhecimento prévio (sem a intenção de julgar ou constranger) e sensibilizar os professores sobre a relevância dos campos: Educação Midiática e Educomunicação aliadas ao cotidiano escolar.

Diagnóstico e apresentação dos dados do Diagnóstico:

Levantamento de perfil dos professores

Relato sobre a profissão de professor

Conhecimentos prévios sobre Educação Midiática e Educomunicação

Definição de canal de comunicação: e-mail ou app de mensagem e validação da proposta;

Sugestão de títulos para trechos de leitura inicial a serem divididos, conforme escolha de cada profissional como base para o próximo módulo:

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra – Coleção Leitura, 25ª ed., 2002.
- NÓVOA, António. Colaboração: Alvim, Yara. **Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar**. Salvador: SEC/IAT, 2022.
- SILVA, Diva Souza. **Educomunicação: reflexões e práticas na educação**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Brasil, v. 19, n. 2, p. 15–26, 2014.
- CITELLI, Adilson. Comunicação e educação: implicações contemporâneas. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Brasil, v. 15, n. 2, p. 13–27, 2010.

Módulo 1 – Leitura e Escutatória

É fundamental que os professores compreendam a importância do tema e entendam como é significativo **fazer juntos**, como cita Soares em sua entrevista ao canal Brasil de Fato⁴⁴.

⁴⁴ Entrevista com Ismar Soares pelo canal Brasil de Fato. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/09/20/paulo-freire-e-a-educomunicacao-nasceram-simultaneamente-afirma-o-professor-ismar-soares/>. Acesso em: 30/05/2025.

Dessa forma a Figura 10 ilustra o formato desse módulo.

Objetivo: Abordar os percursos da Educação Midiática e Educomunicação.

Roda de conversa: Apresentar as percepções da leitura proposta aos professores no Ponto de partida e experiências pessoais relacionadas ao tema e exemplos de como a comunicação afeta a sociedade, a educação e o papel do professor.

Conteúdos: Percursos da Educação Midiática e da Educomunicação

A relação entre comunicação e educação: identidade, cidadania e impacto das mídias no cotidiano.

Figura 10 – Módulo 1: Leitura e Escutatória



Fonte: Elaborado pela autora no CANVA a partir das referências bibliográficas da pesquisa.

Módulo 2 – Conceitual e Vivencial

A aproximação entre a Educomunicação que enfatiza a reflexão, o diálogo, a produção coletiva de conhecimento aliada à Educação Midiática que foca na recepção e leitura das mensagens midiáticas

pretende corroborar com a construção de uma escola mais democrática e inclusiva, quiçá uma sociedade.

Isso pensado junto aos professores torna a proposta efetiva como percebido na Figura 11.

Objetivo: Reconhecer os recursos midiáticos e tecnológicos que possam ser integrados às práticas pedagógicas e compreender o papel fundamental do diálogo, da colaboração e da criticidade.

Atividades exploratórias: Estimular a investigação de artefatos pedagógicos relacionadas ao tema como: vídeos, podcasts, plataformas digitais, aplicativos e páginas;

Análise crítica de mídia e debate sobre ética: Reflexão sobre como privacidade e manipulação da informação, afetam o consumo e a produção de conteúdo;

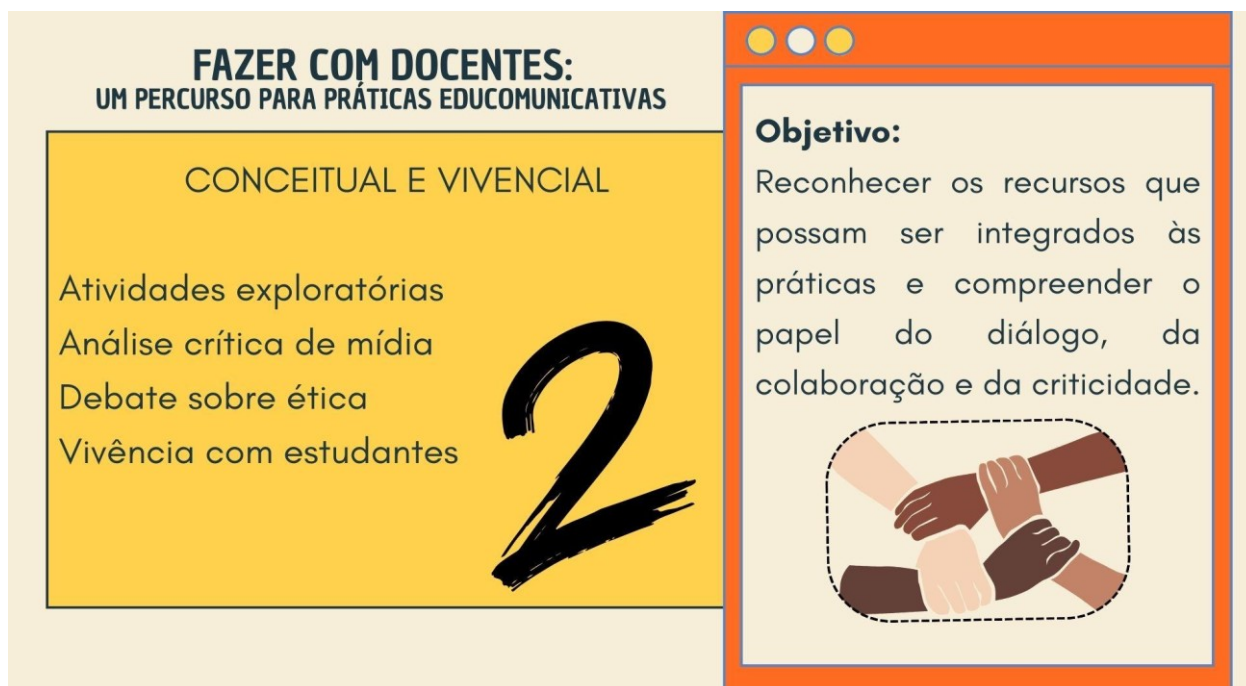
Vivência com estudantes: Sugestão de uma produção colaborativa em sala de aula sobre notícias falsas, estimulando criatividade, criticidade e trabalho em equipe

Possibilidades:

- criação de podcasts
- produção de esquetes
- ideação de entrevista com a comunidade escolar
- desenvolvimento de jornal escrito ou falado
- promoção de campanha de conscientização crítica
- proposição de roteiro para vídeo de orientação
- apresentação de esboço de atividade pontual para escola
- realização de debates
- exploração e análise de materiais ou plataformas sobre o assunto
- elaboração de *quiz*⁴⁵

⁴⁵ *Quiz* se refere a um teste rápido ou a um jogo constituído por perguntas de múltipla escolha. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/gramatica/quis-ou-quiz.htm> . Acesso em: 10/07/2025.

Figura 11 – Módulo 2 Partilha de Conhecimentos



Fonte: Elaborado pela autora no CANVA a partir das referências bibliográficas da pesquisa.

Módulo 3 – Partilha de conhecimentos

De acordo com Tardif (2014, p. 45), "a troca de experiências entre docentes é fundamental para a construção de saberes coletivos, pois permite a reflexão sobre as práticas pedagógicas e a transformação do ensino em um processo colaborativo." Segue nessa perspectiva, o desenvolvimento do Módulo 3 de acordo com a Figura 12.

Objetivo: Promover uma reflexão sobre as práticas desenvolvidas a partir das atividades realizadas junto aos estudantes do módulo anterior, seus desafios e resultados.

Compartilhamento de práticas: Organizar um espaço de troca em que os professores possam compartilhar suas experiências e dar *feedback* uns aos outros;

Portfólios reflexivos: Solicitar aos professores que registrem suas experiências e reflexões sobre as atividades aplicadas com os estudantes;

Avaliação colaborativa: Utilizar estratégias de autoavaliação e avaliação entre pares para refletir sobre o impacto das práticas em sala de aula.

Figura 12 – Módulo 3 Partilha de Conhecimentos



Fonte: Elaborado pela autora no CANVA a partir das referências bibliográficas da pesquisa.

Módulo 4 – Reflexão escrita e convite

Segundo Nóvoa (2009, p. 31) os novos modos de profissionalidade docente implicam um reforço das dimensões coletivas e colaborativas, do trabalho em equipe e de ação conjunta nos projetos educativos de escola.

O exercício profissional organiza-se, cada vez mais, em torno de comunidades de prática, no interior de cada escola, mas também no contexto dos movimentos pedagógicos.

As atividades docentes visam fortalecer a coesão grupal, promover o autoconhecimento, estimular a criatividade e aprimorar a comunicação entre os membros da equipe escolar. Tais práticas contribuem para revitalizar o engajamento profissional, fomentar um ambiente positivo e inspirador e auxiliar na superação de desafios cotidianos.

É a partir de uma atividade colaborativa que ao fazer juntos, torna-se possível promover uma educação mais dialógica e reflexiva e isso está retratado na Figura 13 com o esboço do Módulo 4.

Figura 13 – Módulo 4 Reflexão escrita e convite



Fonte: Elaborado pela autora no CANVA a partir das referências bibliográficas da pesquisa.

Objetivo: Registrar a produção colaborativa dos estudantes de acordo com a criatividade de cada professor e também a experiência de participar dessa formação.

Convite ao compartilhamento: Promover o engajamento dos professores para que possam apresentar a proposta para outro professor e enviar sua experiência para o responsável pela formação.

Ponto de Chegada

Objetivo: Sugerir a manutenção e suporte da proposta

Estratégias: 1. Criação de grupo online ou presencial de conexão

2. Troca de experiências entre professores

3. Possibilidade de formação anual para reconexão.

Observe a Figura 14 que ilustra a proposição.

Mentoria: Sugestão de um programa em que professores mais experientes possam apoiar os iniciantes e promover um desenho da proposta.

Figura 14 – Ponto de Chegada



Fonte: Elaborado pela autora no CANVA a partir das referências bibliográficas da pesquisa.

Bruno Ferreira (2024, p.17) destaca pressupostos que permeiam todos os módulos da formação, ao abordar a cultura digital como um campo de disputa de narrativas, defendendo que a formação docente deve incluir estratégias para: enfrentar a desinformação alinhando-se à ênfase na análise crítica de fontes; fomentar a produção colaborativa, mas com atenção às desigualdades de acesso no ambiente digital e integrar tecnologias de forma pedagógica, superando a mera instrumentalização.

Cabe ressaltar que devido ao exíguo tempo do mestrado não foi possível desenvolver a proposta em campo e para esse intuito, a mesma deverá ser desenvolvida e avaliada para verificar sua exequibilidade além das cabíveis alterações.

Como o planejamento tem o intuito de ser pensado e desenhado junto aos docentes, em momento algum pretende impor ou minar as ideias que possam corroborar com a intenção de que a formação contribua com cada realidade.

Pela aproximação entre Educomunicação e Educação Midiática contemplar conceitos e práticas que alcancem êxito na vivência de uma escola que promova: a democratização, a reflexão, a dialogicidade, a leitura crítica, a participação coletiva e ainda que desvele contradições e estimule a autonomia intelectual.

5 CONCLUSÕES

A crise pandêmica acelerou a necessidade de professores desenvolverem competências midiáticas e de os governos estabelecerem políticas públicas que favoreçam o acesso e o uso ético das tecnologias.

A docência impactada pela revolução tecnológica, exigiu uma resposta formativa e uma aproximação de práticas educacionais como elementos essenciais na formação cidadã, no combate à desinformação e na transformação social tornando-se essenciais na proposta apresentada.

Cabe refletir sobre a obra de Shoshana Zuboff (2019, p.611): “Se queremos que a democracia seja realimentada nas próximas décadas, cabe a nós reavivar o senso de indignação e perda em relação àquilo que está sendo tirado de nós”. Essa proposição está relacionada à ignorância produzida pela falta de conhecimento, pela desinformação e pela forma de poder que controla as pessoas de acordo com o modelo predatório do capitalismo de vigilância. É um chamado à conscientização crítica e à ação política fundamentada contra a normalização da expropriação digital.

Para tal, essa pesquisa oferece uma proposta de formação continuada pensada junto aos professores que promova o imbricamento da Educomunicação e da Educação Midiática estimulando uma prática pedagógica crítica e participativa com o intuito de que os professores formados com essas abordagens transformem o ambiente escolar em um espaço de diálogo, colaboração e cidadania.

Com o propósito de ampliar a pesquisa são retomadas as questões apontadas na seção 3:

- Formar professores para usar tecnologias ou para transformar realidades?
- É possível uma educomunicação que não seja cúmplice da monocultura do algoritmo?
- Como construir ecologias de aprendizagem que valorizem saberes midiáticos sem romantizar o populismo digital?
- Quem controla o código controla o currículo?
- É possível uma educação midiática anticapitalista em ecossistemas controlados por Big Techs?

E surgem outras inquietações e ideias:

- Como os algoritmos das Big Techs atuam reconfigurando as práticas educativas além da intencionalidade humana?

- Que estratégias de epistemologia descolonizadora podem fundamentar ecologias de aprendizagem midiáticas que resistam à monocultura algorítmica?
- Em que medida a infraestrutura oculta das plataformas educacionais controladas por Big Techs materializam uma governança neoliberal mesmo em projetos com discursos progressistas?
- Como práticas educacionais podem constituir espaços de aprendizagem midiática anticapitalista fora do ecossistema das Big Techs?
- De que formas o populismo digital e a pedagogia algorítmica das redes sociais reconfiguram as noções de autoridade epistêmica na educação midiática desafiando a mediação crítica dos professores?

Para além dos questionamentos, podem ser identificadas algumas possibilidades de futuras pesquisas, as quais incluem:

- Educomunicação e Educação Midiática em ambientes não escolares - propor o desenvolvimento dos conceitos em projetos a serem realizados em contextos não formais, como ONGs, projetos culturais e comunitários.
- Relações com a educação inclusiva - estudar como Educomunicação e Educação Midiática podem ser desenvolvidas para promover práticas inclusivas, considerando estudantes com deficiência ou de grupos segregados.
- Relação entre saberes midiáticos e ecologias de aprendizagem - Investigar como podcasts educativos e projetos colaborativos podem empoderar reflexões e a ética dos estudantes.
- Desenvolvimento de currículos educacionais - elaborar e avaliar currículos para formação inicial e continuada de professores que contemplem a Educomunicação.

A análise teórica desenvolvida nesta pesquisa evidencia que a Educação Midiática, conforme proposta por Potter (2019), e a Educomunicação, fundamentada por Soares (2020) e Citelli (2016) articulam-se de maneira imbricadas, reforçando a necessidade de uma abordagem crítica e participativa na formação docente. Essa convergência teórica é ainda mais enriquecida quando dialogamos com as contribuições de Adilson Citelli e Paulo Freire, ampliando as dimensões comunicacionais, pedagógicas e políticas dessa discussão.

Potter (2019, p. 92) destaca a importância de os docentes desenvolverem competências midiáticas críticas, criando espaços de aprendizagem onde a análise das mensagens midiáticas se torne uma prática constante.

Soares (2020, p. 45), por sua vez, avança ao propor uma Educomunicação dialógica, na qual a produção midiática pelos estudantes é tão relevante quanto à decodificação crítica.

Essa perspectiva é reforçada por Citelli (2016, p. 34), que ressalta a linguagem como eixo central na mediação entre comunicação e educação, argumenta que: "A apropriação crítica dos meios de comunicação pressupõe o domínio das linguagens midiáticas, não apenas como receptores, mas como produtores de sentidos".

Esta pesquisa, ancorada em rigorosa investigação teórica e empírica, reafirma a imperativa necessidade de desenvolver a formação continuada junto aos professores, posicionando as práticas educacionais como artefatos não como acessórios e como eixo estruturante e transformador diante dos desafios atuais sobretudo pela hiperconectividade e pela cultura midiática.

Nesse cenário, o referencial teórico-prático da Educomunicação (Soares, 2011; Citelli, 2016) emergiu como arcabouço cientificamente robusto e pedagogicamente fértil. Ao integrar sistematicamente dimensões como análise crítica da mídia, produção autoral colaborativa e gestão democrática da comunicação, a proposta demonstrou capacidade de corroborar em: leitura crítica da informação, decodificação de linguagens híbridas, criação de conteúdos significativos e mediação ética dos fluxos comunicativos em sala de aula.

É possível que os dados coletados nas oficinas formativas que devem ser realizadas, através de análise de conteúdo de portfólios reflexivos, grupos focais e observação participante podem revelar impactos significativos. Eles podem contribuir com a clara transformação na postura docente: do receio inicial perante as tecnologias para um protagonismo criativo e crítico.

Do ponto de vista curricular, a pesquisa pode validar a eficiência da metodologia "aprender-fazendo" e da reflexão sobre a prática, pilares das oficinas educacionais. A vivência concreta dos processos de produção midiática pelos professores – desde o planejamento até a publicação e análise de recepção pode mostrar-se fundamental para a internalização dos conceitos e sua posterior transposição didática. Essa imersão prática pode promover uma compreensão vivenciada dos potenciais e limites das mídias na educação, superando abordagens puramente teóricas.

A relevância científica desta dissertação consolida-se em múltiplas dimensões. Teoricamente, avança ao articular de forma sinérgica campos do conhecimento frequentemente fragmentados: a Didática, a Comunicação Social, os Estudos Culturais e as Ciências da Informação. Metodologicamente, oferece um modelo replicável empiricamente para formação docente, baseado em princípios educacionais e ancorado em pesquisa-ação colaborativa. Socialmente, demonstra

o potencial transformador da escola como espaço de resistência crítica e produção simbólica democrática, capacitando professores para mediar a relação dos estudantes com a esfera pública digital de forma responsável e criativa.

Ressalta-se, contudo, que a efetivação desta proposta demanda superação de desafios estruturais. A resistência institucional, a mudanças de paradigma, a insuficiência de infraestrutura tecnológica de qualidade em muitas escolas e a sobrecarga laboral docente são obstáculos tangíveis. Isso reforça a necessidade de políticas públicas integradas que não apenas forneçam equipamentos, mas principalmente incentivem culturalmente e sustentem logisticamente processos contínuos de formação crítica e autoral.

A proposta de fazer junto aos professores aponta ainda para a resignificação do erro e da experimentação como parte constitutiva do processo formativo. O ambiente educacional, ao valorizar o processo criativo e colaborativo sobre o produto final pretende reduzir a ansiedade docente perante o "novo" e fomentar uma cultura escolar mais aberta à inovação e à cocriação, inclusive envolvendo os estudantes como parceiros no domínio das linguagens midiáticas.

Em síntese, esta pesquisa constata cientificamente a tese central: a formação continuada fundamentada em práticas educacionais com recursos midiáticos constitui estratégia privilegiada e necessária para a aproximação de uma docência autônoma, crítica e criativa, capaz de navegar e transformar a complexidade do cenário educacional contemporâneo.

Portanto, este trabalho não se encerra como um ponto final, mas como um ponto de partida para investigações futuras e, sobretudo, apresenta uma proposta de chamado à ação para gestores, formadores e docentes. A adoção sistemática desta abordagem na formação docente representa investimento incontornável na construção de uma educação verdadeiramente sintonizada com seu tempo, capaz de formar sujeitos críticos, éticos e criativos na e para a sociedade midiática. A Educomunicação, assim, revela-se não apenas relevante, mas estratégica e imprescindível para o futuro da educação pública de qualidade.

Enfim não apenas dialoga, mas aproxima dos professores para trabalhar de forma continuada frente aos desafios, como mediadores de uma educação transformadora, capazes de democratizar o acesso às linguagens midiáticas e fortalecendo a cidadania ativa.

REFERÊNCIAS

- BACCEGA, M. A. & ROCHA, C. R. N. C. **A importância da inter-relação entre o campo da comunicação/educação e os estudos de recepção: um olhar para a comunicação a partir dos sujeitos.** In: KUNSCH, M.; FIGARO, R.. (Org.). **COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: caminhos integrados para um mundo em transformação.** 1ªed. , v. 2, p. 71-88; São Paulo: Intercom, 2017.
- BELLONI, Maria Luiza. **Mídia-educação.** In: **Dicionário crítico de educação e tecnologias e de Educação a Distância.** MILL, Daniel (Org.). Campinas (SP): Papirus, p. 447-450, 2018.
- BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação.** Campinas: Autores Associados, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Entenda como a pandemia impactou a educação no Brasil.** Brasília, DF: Diretoria de Estatísticas Educacionais (DEED), 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9394.** Brasília, 1996.
- BRASIL. Secretaria de Comunicação Social. **Estratégia Brasileira de Educação Midiática.** Brasília, 2023.
- BRASIL. Lei nº 13.709 – **Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD).** Brasília, 2018.
- BRASIL. Lei nº 14.533 – **Política Nacional de Educação Digital (PNED).** Brasília, 2023.
- BRASIL. Lei nº 15.100 – **Utilização por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica.** Brasília, 2025.
- BUCKINGHAM, David. **Manifesto pela Educação Midiática.** Tradução: José Ignacio Mendes. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2022.
- CHIAPPE, A.; AMADO, N.; LEGUIZAMÓN, L. **Educommunication in digital environments: an interaction's perspective inside and beyond the classroom.** Innoeduca. International Journal of Technology and Educational Innovation, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 34–41, 2020.
<https://doi.org/10.24310/innoeduca.2020.v6i1.4959>
- CITELLI, Adilson. **Comunicação e Educação: a linguagem em movimento.** São Paulo: Ed. SENAC, 3ª edição, 2004.
- CITELLI, Adilson. **Educar para comunicação.** Disponível em:
<https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002659978.pdf> Acesso em 9 fev. 2025.
- CITELLI, Adilson Odair; SOARES, Ismar de Oliveira; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Educomunicação: referências para uma construção metodológica.** Comunicação & Educação, São Paulo, Brasil, v. 24, n. 2, p. 12–25, 2019.

CITELLI, Adilson. **Educomunicação: escolas e temporalidades**. Anais: Associação Ibero-Americana de Investigadores da Comunicação - São Paulo, 2021.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. São Paulo: Ática, 2016.

COMISSÃO EUROPEIA. **A multi-dimensional approach to disinformation**. Disponível em: <https://op.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/> . Acesso em: jan. 2025.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Não nascemos prontos**. Vozes Nobilis, 19ª edição, 2015.

CORTEZ, T. P. B. B., MARTINS, A. de O.; SOUZA, C. H. M. de. **Educação Midiática, Educomunicação e Formação Docente: parâmetros dos últimos 20 anos de pesquisas nas bases Scielo e Scopus**. Educação em Revista, V. 34, 2018.
<https://doi.org/10.1590/0102-4698200391>

COSTA, Elisângela Rodrigues da. **Educomunicação e políticas públicas: estudo comparativo de educação midiática entre as redes municipais de ensino do Rio de Janeiro e de São Paulo**. 2018. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

CUNHA, Matheus Cestari & SANTOS, Marli dos. **Mediações e letramento midiático: uma aproximação necessária**. Comunicação Mídia Consumo, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 252-271, mai./ago. 2021.
<https://doi.org/10.18568/cmc.v18i52.2529>

DEMO, P. **Pesquisar - o que é? Pesquisa - princípio científico e educativo**. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 11-44.

FANTIN, M. **“Nativos e imigrantes digitais” em questão: crianças e competências midiáticas na escola**. Revista Passagens, volume 7, nº 1, páginas 5-26, 2016.

FANTIN, M. **Educomunicação e educação midiática: perspectivas de pesquisa**. Revista Comunicação & Educação, v. 23, n. 1, 2018.

FANTIN, Monica & RIVOLTELLA, Pier Cesare. **Educação e Cultura Digital**. Edições SESC, 2012.

FERREIRA, Bruno. **Jornalismo e Educação: competências necessárias à prática educacional**. 2022, Curitiba, Appris.

FERREIRA, Bruno. E-book: **Educação para a comunicação e para as mídias no século 21: as abordagens da educomunicação e da alfabetização midiática e informacional** [livro eletrônico]. São Paulo: Caravela Educom, 2024.

FREINET, C. **As técnicas de Freinet da escola moderna**. Estampa, 4ª edição, Ed. Lisboa, 1975.

FREIRE, Paulo e GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação** / 1ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 25ª edição, 2002. – Coleção Leitura

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50ª edição. Paz e Terra, 2019.

PÁDUA FRANCO, A. **Entre tradições e inovações: o ensino da história e a responsabilidade pelo mundo**. Clio & Associados. História ensinada, [S. l.], n. 27, pág. 8–17, 2018. Disponível em: <https://bibliotecavirtual.unl.edu.ar/publicaciones/index.php/ClioyAsociados/article/view/7679>. Acesso em: 6 mai. 2025.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Gilberto. **Pela Internet 2**. Álbum Ok, Ok, Ok, 2018. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gilberto-gil/pela-internet-2> / Acesso em: 13 set. 2024.

GIL, Gilberto. **Pela Internet**. Álbum Quanta, 1997. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gilberto-gil/68924/> Acesso em: 13 set. 2024.

GOZÁLVEZ-PÉREZ, V., & CONTRERAS-PULIDO, P. **Empowering media citizenship through edumunication: empoderar a la ciudadanía mediática desde la edumunicación**. Comunicar, 42, 129-136, Espanha, 2014. <https://doi.org/10.3916/C42-2014-12>

GUSMÃO, C.R. e SOUZA, E.J. **Uma década de Educação Midiática no Brasil: levantamento de teses e dissertações**. Revista Mediação 26 (36) p. 39-50. 2024.

HOBBS, Renee. **Create to Learn**, Wiley Blackwell, 2017. <https://doi.org/10.1002/9781394260201>

HOBBS, Renee. **Media Literacy & Online Learning**. Publicado em Medium, abril de 2020. Disponível em: medium.com/@reneehobbs/educators-all-around-the-world-are-engaged-in-the-process-of-online-learning-during-the-time-of-3e8c0beb982b . Acesso em 17 abr. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Internet já é acessível em 90,0% dos domicílios do país em 2021**. In: Agência de notícias IBGE. [S. l.], 16 set. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34954-internet-ja-e-acessivel-em-90-0-dos-domicilios-do-pais-em-2021> . Acesso em: 12 fev. 2024.

INSTITUTO PALAVRA ABERTA. **Educamídia: programa de educação midiática**. 2018. Online. Disponível em: <https://www.palavraaberta.org.br/> . Acesso em: 05 set. 2024.

JACKIW, E. & HARACEMIV, S. M. C. **Educomunicação e alfabetização midiática: diálogos freireanos na América Latina**. Práxis Educativa, 16, 1-21, 2021. <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.16.16614.031>

JENKINS, Henry. **Cultura de convergência**. Tradução - Suzana L. de Alexandria, Editora Aleph, São Paulo, 2022.

JENKINS, Henry, ITO, Mizuko, & BOYD, Danah. **Participatory Culture in a networked era: a conversation on youth, learning, commerce, and politics**. Malden, MA: Polity Press, 2016.

KAPLÚM, Mario. **Processos educativos e canais de comunicação**. Revista Comunicação & Educação, São Paulo, Moderna/ ECA-USP, jan./abr. 1999, p. 68-75.
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i14p68-75>

KAPLÚM, Mario. **Una pedagogia de la comunicacion**. [s. e.] Edições da Torre, Madri, 1998.

KELLNER, Douglas, & SHARE, Jeff. **Critical Media Literacy: empowering youth to read the world**. In Youth Media Reporter, 2019.
<https://doi.org/10.1163/9789004404533>

KELLNER, Douglas, & SHARE, Jeff. **The Critical Media Literacy Guide: engaging media and transforming education**. Leiden: Brill Sense, 2019.
<https://doi.org/10.1163/9789004404533>

KENSKI, V. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8ª ed. Campinas: Papirus, 2020.

LIMA JÚNIOR, Eduardo Brandão. **Educação em tempos pandemia de covid-19: uma análise acerca do uso das tecnologias na educação no âmbito da Pós-Graduação na Universidade Federal de Uberlândia – UFU**. 2022. Disponível em:
<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/36922> . Acesso em: 22 abr. 2024.

LACERDA, Tiago Eurico e JUNIOR, Raul Greco. **Educação remota em tempos de pandemia: ensinar, aprender e ressignificar a educação**. 1ª edição, Curitiba-PR: Editora Bagai, 2021.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas 2003.

LIVINGSTONE, S. **Media Literacy and the challenge of new information and communication technologies**. The Communication Review, London: London School of Economics and Political Science Houghton Street, 7: 3-14, 2004.
<https://doi.org/10.1080/10714420490280152>

MARQUES, Paulo César Pedroza et al. **Educomunicação: origens e conexões de uma nova área de conhecimento**. Anais III, CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2016.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1987.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Desafios culturais da comunicação à educação**. Revista Comunicação & Educação, n. 18, p.51-61, maio/agosto 2000.
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i18p51-61>

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **La educación desde la comunicación**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002.

MARTINS, H. **Comunicação também é direito humano fundamental**. Carta Capital, 2014. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/comunicacao-tambem-e-direito-humano-fundamental-7938/> Acesso em 7 mai. 2025.

MECOM. **Inter-relações comunicação e educação no contexto do ensino básico** [recurso eletrônico] São Paulo: ECA-USP, 2020. Disponível em: <https://mecom.eca.usp.br/2021.html> . Acesso em: 10 abr. 2024.

MECOM. **Ensino remoto emergencial e transições associadas** [recurso eletrônico] São Paulo: ECA-USP, 2023. Disponível em: <https://mecom.eca.usp.br/2023.html> . Acesso: 09 mar. 2024.

MOREIRA, Rejane de Mattos; MORAES, Ana Carla Ferreira Longo; ARAGÃO, Anny Gabrielle Fernandes; PINTO, Mylena Machado da Silva [et al.] Educação Midiática e referenciais metodológicos para a elaboração de oficinas no ensino remoto. **Paradoxos**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 38–55, 2021.
<https://doi.org/10.14393/par-v6n1-2021-60541>

MORAN, José & BACICH, Lilian (organizadores). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática** – Porto Alegre: Penso, 2017.

MORAN, José Manuel; BEHRENS, M. A.; MASETTO, M. T. (Orgs.) **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21ª. Edição. Campinas: Papirus, 2015.

MORAN, José Manuel. **A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5ª Edição. Campinas - SP, 2012. Coleção Papirus Educação.

MORAN, J. M. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. Porto Alegre: Penso, 2018.

MORAN, José Manuel. **Mudanças profundas na educação com a IA, nos próximos anos**. Blog Educação transformadora – Disponível em: <https://moran10.blogspot.com/2025/01/mudancas-profundas-na-educacao-com-ia.html> . Acesso em 25 jan. 2025.

NONATO, E. do R. S. e CAVALCANTE, T. R. **Cultura digital, ensino remoto emergencial e formação continuada de professores da Educação Básica: as lições da pandemia da COVID-19**. Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 31, n. 65, p. 19–41, 2022.
<https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2022.v31.n65.p19-41>

NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Porto, Portugal: Porto Editora (Coleção Ciências da Educação), 1992.

NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola**. Educação & Realidade, V. 44, n. 3, p. 1 - 15, 2019.
<https://doi.org/10.1590/2175-623684910>

NÓVOA, A. **Professores: imagens do futuro presente**. Educa: Lisboa – Portugal, 2009.

NÓVOA, António. Colaboração Alvim, Yara. **Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar**. Salvador: SEC/IAT, 2022.

PÉREZ, V. G. & PULIDO, P. C. **Empowering media citizenship through educommunication**. Comunicar. Media Education Research Journal, 22(1), 2014.

POTTER, W. James. **Media Literacy**. 8th ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2018.

POTTER, W. James. **The Skills of Media Literacy**. Los Angeles: Sage, 2019.
<https://doi.org/10.4135/9781544377025>

PRETTO, N. L. **Escritos sobre educação, comunicação e cultura**. Papirus, São Paulo, 2017.

PRETTO, N. L. **Educação, tecnologias e a cultura digital**. Revista Iberoamericana de Educación, n. 60. *Bots replace teachers? AI and the future of education*. Cambridge: Polity Press, 2019.

PRETTO, N. L. e SILVEIRA, S. A. **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias de poder**. Salvador, EDUFBA, 2008.
<https://doi.org/10.7476/9788523208899>

ROSA, R.; SILVA, M. I. **A práxis comunicacional e a construção de um saber emancipatório: um diálogo entre Freire, Kaplún e Martín-Barbero**. Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática, v. 9, n. 18, 2010. Disponível em:
<https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/2443> . Acesso em 23 jan. 2025.
<https://doi.org/10.5902/217549772443>

REUTERS INSTITUTE FOR THE STUDY OF JOURNALISM. **Digital News Report 2022**. University Of Oxford, 2022. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022/> . Acesso em 14 abr. de 2024.

SACRISTÁN, J. G. **Educar e conviver na cultura global: as exigências da cidadania**. Porto Alegre, Artmed, 2001.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2020.

SANTOS, B. S. & MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. Edições Almedina, CES, Coimbra, 2018.
<https://doi.org/10.2307/j.ctvnp0k5d>

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SELWYN, Neil. **Should robots replace teachers? AI and the future of education**. Edição para Kindle. Cambridge: Polity Press, 2019.

SILVA, Diva Souza. **Educomunicação: reflexões e práticas na educação**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018.

<https://doi.org/10.5902/1984644429622>
<https://doi.org/10.22535/cpe.v0i48.21425>
<https://doi.org/10.15448/1981-2582.2018.3.26091>
<https://doi.org/10.5902/1984644430458>
<https://doi.org/10.15448/1981-2582.2018.3.27831>

SILVA, Merli Leal. **Pedagogia freireana na perspectiva da educomunicação popular**. Revista de Educação Popular, Uberlândia, v. 18, n. 3, p. 4–19, 2020.
<https://doi.org/10.14393/REP-v18n32019-48040>

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação e a formação de professores no século XXI**. In: Revista FGV, v. 4, n. 1, p. 19-34, 2014.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação**. Comunicação & Educação, v. 19, n. 2, p. 15–26, 2014.
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v19i2p15-26>

SOARES, Ismar. **A Educomunicação em diálogo com as tecnologias, na educação básica**. Comunicação & Educação, ano XX, v. 2, p. 7–14, 2015.
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v20i2p7-14>

SOARES, Ismar. **Educomunicação, paradigma indispensável à renovação curricular no ensino básico no Brasil**. Comunicação & Educação, ano XXIII, v. 1, p. 7–24, 2018.
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v23i1p7-24>

SRNICEK, Nick. **Platform capitalism**. Cambridge: Polity Press, 2017.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17ª edição. Petrópolis, Vozes: 2014.
<https://doi.org/10.5212/OlharProfr.v.17i2.0010>

TELES, Edilene Carvalho. **Entre o dizer e o fazer com as mídias e tecnologias na formação inicial do pedagogo**. 2020. 278 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA.

UNESCO. **Alfabetização midiática e informacional: diretrizes para a formulação de políticas e estratégias**, 2016. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000246421>. Acesso em: 2 set. 2023.

UNESCO. **Literacia mediática e informacional: reforçar os direitos humanos, combater a radicalização e o extremismo**, 2016. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000246371> . Acesso em: 7 nov. 2023.

UNESCO. **Educação: do fechamento das escolas à recuperação**. 2020. Disponível em: <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 22 out. 2023.

UNICEF. **Crianças na pandemia: impacto do Covid-19 na educação no Brasil**. 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/covid-19-extensao-da-perda-na-educacao-no-mundo-e-grave>. Acesso em: 20 out. 2023.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**. 1ª edição, Editora Intrínseca, Rio de Janeiro, 2019.